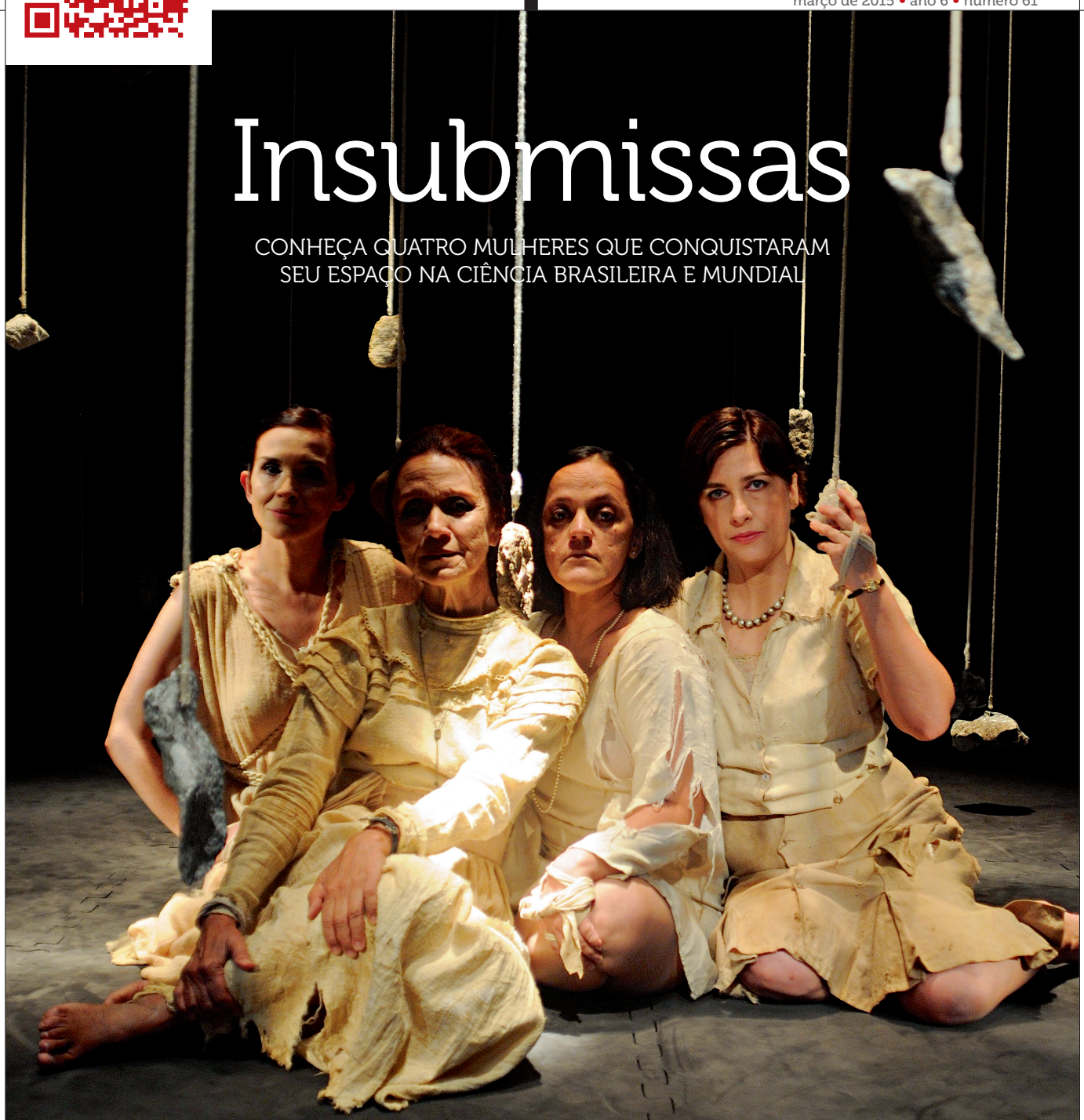
unespciência
março de 2015 • ano 6 • número 61

Insubmissas

CONHEÇA QUATRO MULHERES QUE CONQUISTARAM SEU ESPAÇO NA CIÊNCIA BRASILEIRA E MUNDIAL



A POLÊMICA APLICAÇÃO DE RECURSOS PÚBLICOS EM CIÊNCIA

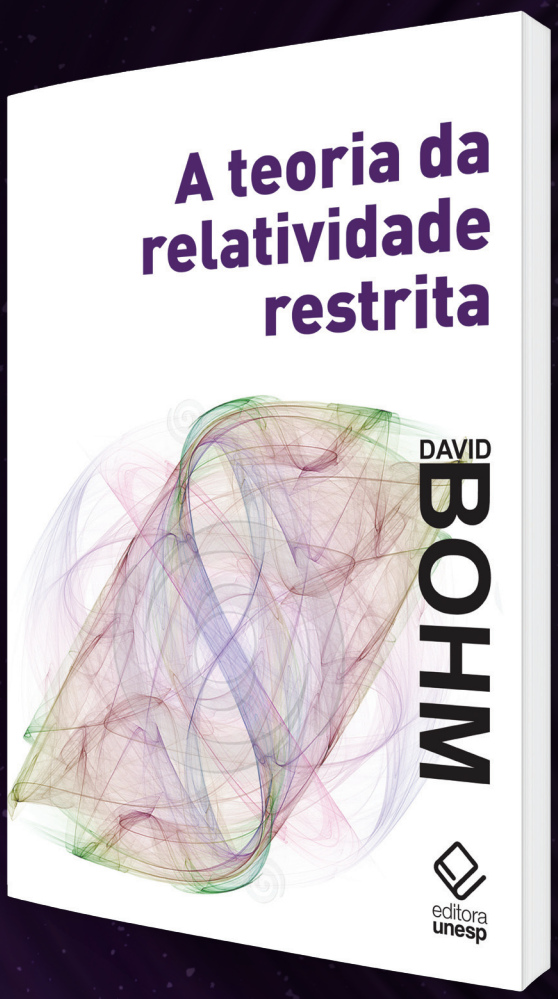
DOSSIÊ DISCUTE VIOLÊNCIA CONTRA O CHARLIE HEBDO

SITUAÇÃO POLÍTICA DA AMÉRICA LATINA CONTEMPORÂNEA

PLANETÁRIO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

UNIVERSIDADE LANÇA PORTAL PARA EGRESSOS

A teoria da relatividade restrita



Neste livro, o autor demonstra que os conceitos da teoria da relatividade estão inter-relacionados como um conjunto unificado e esclarece as razões que levaram à sua aceitação pela comunidade científica. O significado fundamental da hipótese einsteiniana é explorado e, na medida do possível, explicado sem o recurso a tratamento matemático. Bohm, um dos maiores físicos contemporâneos, nos permite assim vislumbrar um dos pilares básicos da ciência ocidental.

Autor: David Bohm
14x21
300 pág

editora unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

Governador
Geraldo Alckmin
Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação
Márcio França

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Reitor
Julio Cezar Durigan
Vice-reitora
Marilza Vieira Cunha Rudge
Pró-reitor de Administração
Carlos Antonio Gamero
Pró-reitor de Pós-Graduação
Eduardo Kokubun
Pró-reitor de Graduação
Laurence Duarte Colvara
Pró-reitora de Extensão Universitária
Mariângela Spotti Lopes Fujita
Pró-reitora de Pesquisa
Maria José Soares Mendes Giannini
Secretária-geral
Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete
Roberval Daiton Vieira
Assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa
Oscar D'Ambrosio

editora unesp fundação
Presidente do Conselho Curador
Mário Sérgio Vasconcelos
Diretor-presidente
José Castilho Marques Neto
Editor-executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierre
Superintendente administrativo e financeiro
William de Souza Agostinho

unespciência
Diretor de redação Oscar D'Ambrosio
Arte Hankô Design (Ricardo Miura)
Assistente de arte Andréa Cardoso
Colaboradores Denio Maués, Marcos Jorge e Paulo Velloso (reportagem); Eduardo Mei, Heloisa Pait, João Manuel Marques Cordeiro, João Marcio Palheta da Silva, Julio Cezar Durigan, Marco Aurélio Nogueira, Marcos Cordeiro Pires, Ruan Sales de Paula Pinheiro e Sérgio Haddad (artigos); Bob Sousa, Chello Fotógrafo, Daniel Patire e Eliana Assumpção (foto)
Revisão Maria Luiza Simões
Projeto gráfico Hankô Design (Ricardo Miura)
Produção Mara Regina Marcato
Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva
Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio
Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.
www.unesp.br/revista; revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica
Tiragem 6 mil exemplares

É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte.

Uma viagem prazerosa

A revista **unespciência** de março convida todos a uma viagem prazerosa. Inicialmente, Antonio Manoel dos Santos Silva, reitor da Unesp entre 1997 e 2000, avalia sua passagem pela Administração Central e conta sua intensa atividade intelectual hoje.

Na sequência, dois artigos refletem sobre recursos públicos em ciência e os elos entre educação e desenvolvimento. Abre-se, assim, a atmosfera para a reportagem de capa, "O feminino na ciência", que discute, no mês em que se celebra o Dia Internacional da Mulher, a partir da peça de teatro *Insubmissas*, as trajetórias de Hipácia de Alexandria (370-415 d.C.), Marie Curie (1867-1934), Rosalind Franklin (1920-1958) e Bertha Lutz (1894-1976).

Mas a intolerância não é só contra a mulher. O Dossiê Charlie Hebdo reúne seis textos sobre a violência cometida contra o jornal satírico francês. Ações desmedidas, todavia, não são privilégio da Europa. Reportagem que enfoca o evento "Processos políticos na América Latina contemporânea", realizado no Memorial da América Latina, traz a opinião de pesquisadores do Brasil e do exterior sobre a região.

O viés crítico pode ocorrer mesmo em uma celebração.É o que ocorre com dois textos que tratam do aniversário de 461 anos da cidade de São Paulo. E, em se tratando de ver a realidade de modo diferente, será possível conhecer um planetário desenvolvido pela Unesp para pessoas com deficiência visual e ler a introdução de um egresso da Universidade, hoje na Universidade Federal do Pará, ao seu livro *Território e mineração em Carajás*.

A edição traz ainda informações sobre a obra *Os judeus e a vida econômica*, de Werner Sombart, um percurso pela obra do artista plástico Nelson Screnci, uma imagem da Reitoria, localizada há quase nove anos no Centro de São Paulo, e um texto do reitor Julio Cezar Durigan sobre a importância da página **www.unesp.br/sempreunesp** para localizar e conhecer os egressos da Universidade.

Participe desta jornada!



POLÍTICAS PÚBLICAS
Lixo acadêmico e má aplicação dos recursos públicos em ciência – JOÃO MANUEL MARQUES CORDEIRO
Educação e desenvolvimento – SÉRGIO HADDAD



ARTE E CULTURA
NELSON SCRENCI
Pintura com dedicação, por OSCAR D'AMBROSIO



PERSONALIDADE
ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA
Um sonho realizado, por PAULO VELLOSO



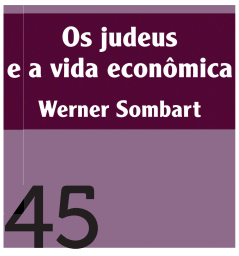
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
Processos políticos na América Latina contemporânea, por MARCOS JORGE



INSUBMISSAS
O feminino na ciência, por DENIO MAUÉS



FOTO DO MÊS
Reitoria da Unesp, por CHELLO FOTÓGRAFO

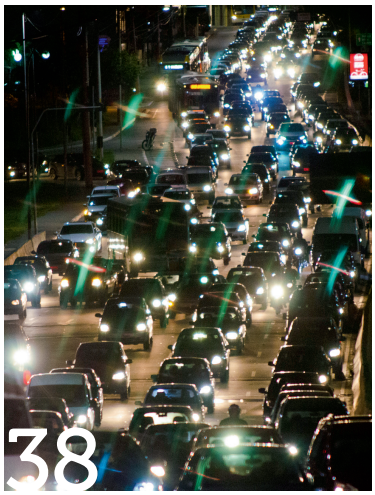


LEITURA
Os judeus e a vida econômica, de Werner Sombart





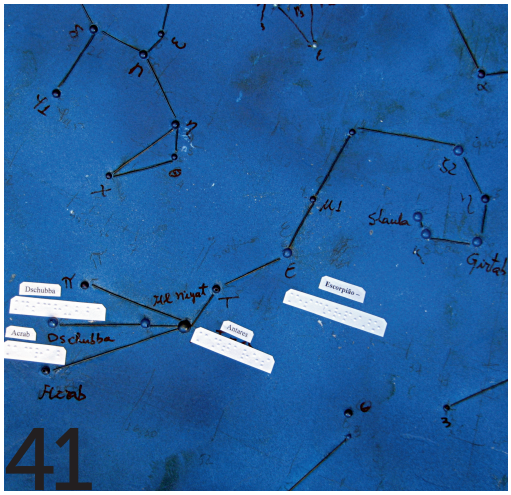
24
DOSSIÊ CHARLIE HEBDO
A fragilidade das ideias (em Paris ou Ubatuba) – HELOISA PAIT
Ataque ao Charlie Hebdo exige resposta mais democrática – MARCO AURÉLIO NOGUEIRA
Entre a culpa e a remissão – EDUARDO MEI
A liberdade de expressão e a opinião pública internacional – RUAN SALES DE PAULA PINHEIRO
Charlie Hebdo, Mafalda e Libertad – OSCAR D'AMBROSIO
Sobre democracia, liberdade e tolerância – MARCOS CORDEIRO PIRES



38
ANIVERSÁRIO
461 anos da cidade de São Paulo
A cidade inimiga – MARCO AURÉLIO NOGUEIRA
Jeito diferente de celebrar – OSCAR D'AMBROSIO



50
OPINIÃO
Uma vez Unesp, sempre Unesp – JULIO CEZAR DURIGAN



41
ASTRONOMIA
Planetário para pessoas com deficiência visual



42
SEMPRE UNESP
Território e mineração em Carajás – JOÃO MARCIO PALHETA DA SILVA

ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA



© Daniel Patire

Antonio Manoel dos Santos Silva

UM SONHO REALIZADO

COM 35 ANOS DEDICADOS À UNESP, 15 DELES NA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL, ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA VIVE, HOJE, INTENSA ATIVIDADE INTELECTUAL

Texto de Paulo Velloso

No dia de sua posse como reitor da Unesp, em janeiro de 1997, Antonio Manoel dos Santos Silva recebeu um cartão-postal com uma reprodução da escultura O Pensador, de Auguste Rodin. No verso, uma frase indagava: "Pensa o pensador perplexo: viva o leitor ou viva o Reitor?". A remetente, Marisa Lajolo, pesquisadora e crítica literária, manifestava o temor de que, com as atribuições impostas pelo cargo, o escritor sucumbisse ao administrador. Hoje, passadas quase duas décadas desde aquela data, Antonio Manoel, 74 anos, finalmente retoma sua carreira de professor, pesquisador e escritor.

Aqueles anos entre 1985, quando assumiu a até então inexistente Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, e 2000, quando encerrou sua gestão como reitor, tiveram como efeito indesejado, mas inevitável, o exílio do intelectual da literatura. "Até 1997, eu conseguia conciliar minhas funções administrativas com algumas das minhas atividades literárias", lembra. "Fazia anotações e lia alguma coisa de ficção. Mas, assim que assumi o cargo de reitor, desapareci completamente do circuito da crítica nacional e internacional."

"QUANDO ASSUMI A REITORIA, DESAPARECI DO CIRCUITO DA CRÍTICA NACIONAL E INTERNACIONAL"

Saiu tão cansado do Gabinete, tão exausto de formalidades, que sua primeira providência foi fazer um brechó com todos os seus ternos e gravatas. "Eram dez ou 12 ternos, e umas 50 gravatas", calcula. Distribuiu tudo entre os funcionários do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, o Ibilce, em São José do Rio Preto, onde leciona ainda hoje. "Nunca mais usei um terno."

Mas nem tudo foi dissabor no longo período em que se viu orientando os rumos da Universidade. Afinal, se esteve na linha de frente da instituição, foi por vontade própria. "Venho me envolvendo nestas questões desde os meus tempos de estudante, porque ficava inconformado quando via falhas na administração prejudicando outras atividades, como o ensino e a pesquisa", conta. "Eu não admitia isso."

Foi também por indignação que fundou, em plena ditadura, em Curitiba, onde estudou e

Informações
Antonio Manoel
dos Santos Silva

ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA

trabalhou por um curto período, em 1975, um Centro de Estudos de Letras. "Até o Paulo Leminski, que foi meu aluno, apareceu lá para dar uma palestra. E falou mal do Camões!", lembra, divertido. Suas atividades à frente desse centro lhe valeriam, anos depois, já em São José do Rio Preto, a perseguição de um coronel do Dops. "Mesmo aprovado em concurso, precisei esperar mais de um ano pela minha contratação, devido ao que chamavam de meu 'passado de esquerda'."

FEZ UM BRECHÓ DE TODOS OS TERNOS E GRAVATAS. E NUNCA MAIS USOU TRAJE SOCIAL.

Do seu período na Administração Central, Antonio Manoel recorda com especial carinho do tempo em que esteve frente à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, para onde foi levado pelas mãos de Jorge Nagle e Paulo Milton Barbosa Landim, ambos ex-reitores e figuras de proa na história da Unesp. "Transformamos uma pós-graduação incipiente numa das mais fortes do Brasil." Com 700 alunos em 1985, a pós-graduação passou a abrigar perto de nove mil estudantes em 2000. "Essa primeira fase, quantitativa, teve uma sequência qualitativa muito bem conduzida pelo professor Marcos Macari", diz.

Outra ação que Antonio Manoel faz questão de lembrar é a reestruturação, passo a passo, dos estatutos e do Regimento Geral da Universidade, democratizando a gestão e conferindo novas atribuições aos Órgãos Colegiados. Também de grata lembrança é o desenvolvimento do Programa de Qualidade da Rede de Bibliotecas, que ele coordenou. "Este programa, junto com a informatização, ficou pronto durante o meu último ano de gestão."

Antes que houvesse algum movimento no sentido de trazê-lo de volta à Administração Central da Unesp – e já havia rumores a respeito –, o ex-reitor tratou logo de requerer a aposentadoria. "Tenho consciência de que fiz a minha parte, ajudando a construir a Universidade e completando o ciclo começado com Jorge Nagle", analisa.

Com a aposentadoria, em agosto de 2002, foi retomando o ritmo de produção de 1985, quando publicava, em média, sete artigos por ano. "De 2003 para cá, publiquei 12 livros em coautoria e dois em autoria, um de contos, *A invasão de Mariana e outros relatos fantasiosos*, e um de poesias, 35 *poemas ou um* (novos poemas da Negra), além de artigos em revistas e jornais." Nos próximos meses, Antonio Manoel deve lançar mais um volume de contos, *A quarta palavra*, e, até o final do ano, um de poesias, *Nas cidades*.

Voltou também a dar aulas, uma paixão incontornável: leciona na pós-graduação do Ibilce, como professor voluntário, e na Universidade de Marília, no Programa de Pós-Graduação e Comunicação. "Sempre preparei muito bem as aulas, colocando os alunos para discutir enquanto vou incutindo dúvidas na cabeça deles."

Graduação em Letras, na Universidade Federal do Paraná, UFPR, em 1965



© Arquivo pessoal





© Arquivo pessoal

No Exército, durante 13 meses, em 1962: 5º Grupo de Canhões Antiaéreos 90mm; e em sala de aula

Trabalhando com a interação da literatura e as outras artes, e com o que chama de "autores da borda", à margem dos cânones, Antonio Manoel tem voltado sua atenção, com particular interesse, aos escritores negros. "Há pouco, um editor me pediu que escrevesse uma história da literatura negra no Brasil", lembra. "Respondi que seria o mesmo que escrever uma história de toda a nossa literatura, tamanha a quantidade e a qualidade de escritores afro-descendentes no país." O pesquisador tem, pronto, um livro sobre poesia negra e um curso para oferecer à pós-graduação do Ibilce, "Vozes poéticas dos afro-descendentes no Brasil".

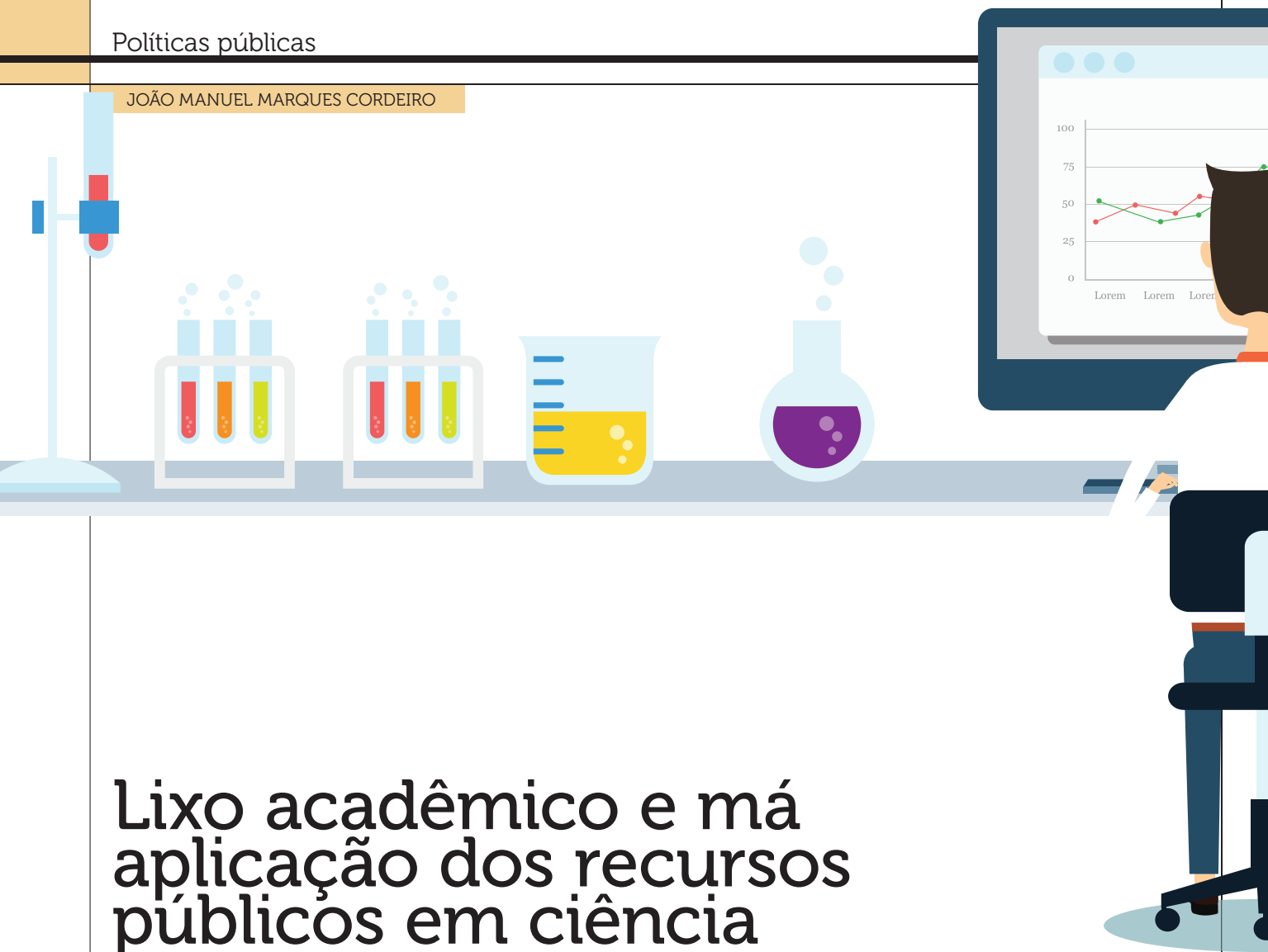
Nascido em Pitangueiras, São Paulo, filho de pai negro, Antonio Manoel iniciou-se na literatura aos oito anos, lendo uma biografia de Rui Barbosa. "Como eu e meus irmãos éramos discriminados, descobrir Rui Barbosa, Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto, Mário de Andrade e todos os outros negros foi de grande importância para mim." Em suas pesquisas, acabou por descobrir um traço que considera marca indelével da literatura negra: "Geralmente, esses escritores transgridem normas de composição, e há uma certa estranheza de ritmo, como se eles quisessem contrariar os parâmetros estabelecidos pelos brancos", explica.

Entre suas leituras, sempre, todos os anos, os clássicos: Homero, Virgílio, Horácio e Dante. "E Cervantes, insuperável." Cultiva Clarice Lispector e João Ubaldo Ribeiro. "Mas Machado de Assis está acima de todos", considera.

Encerrado no pequeno, mas confortável, escritório que mantém em sua casa, em São Paulo, no arborizado bairro de Perdizes, cada gesto, cada fala, cada reflexão do pesquisador parece sob medida para acabar com a apreensão da amiga Marisa Lajolo, que lhe fez chegar às mãos, naquela hoje distante cerimônia de posse, o cartão com a efígie d'O Pensador. Em jeans, camiseta polo e tênis, Antonio Manoel dos Santos Silva é, todo ele, um homem de letras. UC

REQUEREU, RÁPIDO, A APOSENTADORIA. ANTES QUE PENSASSEM EM TRAZÊ-LO DE VOLTA.

JOÃO MANUEL MARQUES CORDEIRO



Lixo acadêmico e má aplicação dos recursos públicos em ciência

O professor Rogério Cerqueira Leite publicou, na *Folha de S. Paulo*, de 6 de janeiro último, artigo intitulado "Produção científica e lixo acadêmico no Brasil", em que discute análise feita pela revista científica *Nature* sobre a qualidade da pesquisa produzida no país. O texto conclui que a pesquisa brasileira é de má qualidade e que os recursos destinados para a ciência são mal aplicados. Trata-se aqui de dizer mais algumas palavras sobre a questão, em particular sobre a má aplicação dos recursos.

O conhecimento científico é, atualmente, a forma oficialmente privilegiada de conhecimento, que confere, a quem o detém, certos privilégios que são consequência de não estar equitativamente distribuído na sociedade. Cada um à sua maneira e na medida de suas possibilidades, os países se dedicam a fazer ciência, esperando obter benefícios do investimento nela. O que ocorre no Brasil, que tem levado à má aplicação dos recursos em ciência, é que o investimento é feito "cegamente", sem que haja uma política ou plano que estabeleça que benefícios o país necessita extrair da ciência, de tal forma que se otimize a aplicação dos mesmos. O pesquisador brasileiro, em regra, estabelece sua linha de pesquisa sem nenhuma relação com as necessidades nacionais e sem compromisso com o retorno social dos recursos, o que seria uma medida da qualidade de sua produção.

Dificilmente se poderia chamar de lixo pesquisa que transformasse para melhor a vida dos cidadãos, que com o passar do tempo visivelmente alçasse o país a novos patamares de desenvolvimento e o inserisse no clube dos desenvolvidos de alta qualidade, como fizeram, algum tempo atrás, os Tigres Asiáticos. Infelizmente, em função de má política (ou da



© TCmakephoto

ausência dela), e da má formação do pesquisador brasileiro (consequência de um sistema educacional de péssima qualidade), este define suas pesquisas em função de suas preferências pessoais ou comodismo e não em função de uma visão qualificada sobre as implicações para o país de seus resultados. Os recursos para as mesmas vêm porque a avaliação pelos pares, tão elogiada em função de sua "imparcialidade" e de sua base "meritocrática", via de regra, leva em conta para a concessão dos recursos a produção anterior do pesquisador, o que, em função da baixa qualidade, como destaca a *Nature*, tem valor nenhum. Além disso, a aprovação da concessão dos recursos também será determinada pelas preferências pessoais do consultor, que, igualmente, não tem visão clara da responsabilidade social que deveria nortear seu parecer. Este estado de coisas tem levado a uma ciência elitista, dissociada das necessidades nacionais, e a um descompromisso do pesquisador para com a utilização dos recursos que lhe são proporcionados pela sociedade.

O pesquisador age como se, desde que sua pesquisa gere publicações, sejam elas quais forem, está tudo certo. Por contraditório que possa parecer, este direcionamento da aplicação dos recursos em ciência, que poderia, num primeiro momento, levar a pensar que se estaria privilegiando a chamada ciência aplicada em detrimento da básica, longe de o fazer, seria catalisador de uma ciência básica altamente relevante, porque alicerçada nas demandas da ciência desenvolvida tendo em vista as necessidades e o desenvolvimento do país. Infelizmente, como não se parte destes pressupostos, o que está acontecendo é que se publicam milhares de trabalhos, mas o reflexo social deles é nulo. UC

João Manuel Marques Cordeiro é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências dos Materiais do Departamento de Física e Química da Faculdade de Engenharia da Unesp de Ilha Solteira.

SÉRGIO HADDAD



© Eliana Asumpção

Educação e desenvolvimento

A APROVAÇÃO DO NOVO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E AS DEMANDAS POR MELHORIAS NOS SISTEMAS DE ENSINO, UNIDAS AOS BAIXOS ÍNDICES DE CRESCIMENTO ECONÔMICO DOS ÚLTIMOS ANOS, RECOLOCAM EM PAUTA A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

É crescente a presença e a influência de economistas nas tomadas de decisões em políticas públicas no campo do debate da relação entre educação e desenvolvimento. Dependendo da orientação e das posições ideológicas, eles podem situar-se, de um lado, na defesa intransigente da educação como fator promotor do desenvolvimento ou, de outro, entre aqueles que veem no desenvolvimento condição necessária para a conquista de uma boa educação. Os primeiros, mais próximos das matrizes liberais e ortodoxas, acabam por identificar nas variáveis internas de cada país e na "qualidade" de seus indivíduos, aí incluído o grau de escolaridade, os aspectos propulsores de processos de desenvolvimento, enquanto os segundos, mais heterodoxos, tendem a considerar que os fatores macroeconômicos propiciam um ambiente favorável ao desenvolvimento de sistemas educativos de qualidade.

Elizabeth King, porta-voz principal do Banco Mundial em matéria de educação para os países em desenvolvimento, comenta em artigo recente[1] o documento produzido pelo banco estabelecendo sua estratégia em relação à educação para os próximos anos, intitulado "Learning for all. Investing in people's knowledge and skills to promote development" ("Aprendizado para todos. Investindo nos conhecimentos e capacidades das pessoas para a promoção do desenvolvimento", em tradução livre). O próprio nome do documento demonstra a posição em que o órgão e sua porta-voz estão situados no debate descrito.

A Estratégia 2020 do Banco Mundial define a educação como uma "ferramenta para que crianças e jovens adquiram as aptidões e conhecimentos necessários para conseguir um emprego produtivo no mercado de trabalho do século XXI". Dessa forma, ao reduzir o papel



© Eliana Asumpção

da educação a uma ferramenta para alcançar um objetivo estritamente econômico – o emprego –, deixa de lado sua ampla dimensão formativa, que, por exemplo, facilita ao cidadão a participação política, a convivência em sociedade e a preservação e o uso sustentável dos bens naturais.

Ao mesmo tempo, ao focalizar sua atenção nas crianças e nos jovens, desconsidera os aproximadamente 770 milhões de adultos no mundo que não sabem ler nem escrever, e tampouco apresenta uma estratégia para realizar o direito à educação dessa parcela da população. A posição do Banco Mundial é clara quando se trata de definir o papel da educação na agenda para o desenvolvimento: focalizar uma parcela da população, aquela que ao seu olhar possa dar maior retorno econômico, e reduzir os esforços educacionais para atender ao mercado de trabalho.

Ao definir a educação como fator principal para que países em desenvolvimento "se encontrem em condições de competir no atual mercado mundial", o Banco Mundial acaba por responsabilizar os estudantes por tal tarefa. Segundo as palavras de Elizabeth, "devemos preparar desde já nossa juventude para que o mundo a que aspiramos se torne realidade. Um mundo em que as pessoas possam romper as cadeias de privação e desvantagem para transformarem-se em seus próprios agentes promotores de desenvolvimento e prosperidade". É muita responsabilidade! Além disso, naturaliza-se a visão de que o esforço individual é suficiente para romper com os fatores macroeconômicos que impactam a vida das pessoas.

Situando-se entre aqueles com uma posição divergente a esta, o economista do BNDES Marcelo Miterhof, em sua coluna na *Folha de S.Paulo* de 28 de novembro de 2013, ao discutir a relação entre educação e produtividade, questiona a posição do ex-presidente do Banco Central Henrique Meirelles, que, utilizando dados do Banco Mundial, conclui que há uma relação direta entre nível de escolaridade e aumento de produtividade e renda de um país. Para Miterhof, no entanto, o principal mecanismo de aumento de produtividade tem sido incorporar novas máquinas e investir em obras civis, como em infraestrutura, o que acaba por demandar pessoas sem elevadas exigências de escolaridade. Segundo o economista, alguns dos bens produzidos "podem exigir treinamento, mas as empresas costumam ter sucesso nisso".

Afirmando que o aumento da produtividade

acompanha mais o crescimento econômico do que a melhoria nos indicadores educacionais, como defendem os economistas ortodoxos, apesar de reconhecer que isso é possível a longo prazo, ele conclui: "o mais razoável parece ser que uma boa educação é mais resultado do que causa do desenvolvimento".

Muitas avaliações desenvolvidas nos últimos anos mostram que, embora tenha ocorrido um aumento no número de matrículas na educação básica, a qualidade dos serviços não acompanhou o avanço no atendimento, fazendo que muitas crianças e jovens passem anos na escola e ainda assim não possuam os domínios mínimos em leitura, escrita e matemática.

Para atuar sobre essa realidade, a estratégia do Banco Mundial reafirma a importância da "aprendizagem com qualidade". No entanto, seu conceito de qualidade é restrito, focando apenas a possibilidade de as crianças e os jovens adquirirem prioritariamente as capacidades necessárias para atender às demandas do mundo do trabalho e seus valores.

O órgão considera essencial a introdução de sistemas de avaliação que possam indicar o progresso dos alunos. Para tanto, testes padronizados de mensuração de resultados têm sido adotados e incentivados para verificar o desenvolvimento dos alunos, como é o caso do Programme for International Student Assessment (Pisa), promovido pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Essa padronização gera consequências quase sempre negativas, pois não reconhece as diferenças socioculturais de cada país, o percurso educacional de cada criança e o estágio de sua aprendizagem, além de priorizar disciplinas consideradas mais importantes, como o ensino da língua e da matemática, em detrimento de outras menos valorizadas no campo da economia, como as de ciências humanas.

Realizadas as avaliações, trata-se na sequência de tornar públicos os resultados, estimulando a competição entre países, escolas e alunos por meio de bônus para os melhores, por exemplo, em vez de investir em melhorias universais do sistema. Vejam os exemplos citados por Elizabeth para melhoria da eficácia nos gastos e resultados: "Na Nigéria, o banco respalda a outorga de bolsas em função do desempenho a escolas secundárias, tomando como base os pontos dos exames e o histórico de presença dos professores; na Indonésia, financia as bolsas com base no cumprimento dos planos de estudo".

REALIZADAS AS AVALIAÇÕES, TRATA-SE NA SEQUÊNCIA DE TORNAR PÚBLICOS OS RESULTADOS, ESTIMULANDO A COMPETIÇÃO ENTRE PAÍSES, ESCOLAS E ALUNOS POR MEIO DE BÔNUS PARA OS MELHORES, POR EXEMPLO, EM VEZ DE INVESTIR EM MELHORIAS UNIVERSAIS DO SISTEMA

São estratégias carregadas de valores que incentivam a competição e o individualismo em detrimento da solidariedade e do cooperativismo entre os estudantes.

Tratar a educação como um direito humano significa reconhecer sua indissociabilidade de outros direitos. Significa reconhecer que o direito à educação só se realizará plenamente se for conquistado junto com a melhoria de saúde, moradia, trabalho decente, transportes, superando o "dilema do ovo e da galinha" entre educação e desenvolvimento.

Tratar a educação como um direito humano significa dissociá-la da lógica reducionista da economia e de sua racionalidade, que a vê apenas voltada para a lógica da produção e do consumo, crescimento econômico e emprego, competição e individualismo.

Na iminência do estabelecimento dos novos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável pós-2015 pelas Nações Unidas, assim como da revisão e propostas de futuro no marco da Educação para Todos encabeçada pela Unesco, faz-se necessário conter a influência e a lógica reducionista dos interesses de mercado nessas agendas e dar atenção às demandas produzidas pela sociedade civil por meio de suas organizações que lutam pelo compromisso dos governos pelo avanço e aplicação dos direitos reconhecidos internacionalmente. UC

Sérgio Haddad é economista, doutor em Educação, coordenador geral da Ação Educativa. Foi professor da PUC-SP e presidente da ABONG – Associação Brasileira de ONGs.

1 Elizabeth King, Aprendizaje para todos: la Estrategia de Educación 2020 del Grupo del Banco Mundial. In: Educación de Adultos y Desarrollo, Bonn, DVV, 2013. Disponível em: <www.dvv-international.de>.

Texto originalmente publicado no *Le Monde Diplomatique Brasil* de agosto de 2014.

O feminino na ciência

PEÇA DE TEATRO SOBRE QUATRO CIENTISTAS (HIPÁCIA DE ALEXANDRIA, ROSALIND FRANKLIN, MARIE CURIE E BERTHA LUTZ) REFLETE SOBRE O ESPAÇO DA MULHER NA CIÊNCIA BRASILEIRA E MUNDIAL

Texto de Denio Maués
Fotos de Bob Sousa

– Ser nota de rodapé na história foi, por muito tempo, o destino das mulheres cientistas, diz uma voz masculina, sem mostrar seu rosto, na peça teatral *Insubmissas*, do grupo paulista Arte Ciência no Palco.

Ao ouvir a afirmação, uma das personagens, Rosalind, reage de maneira furiosa à voz:

– Mulheres cientistas? Sou mulher e cientista. Mulher cientista parece atração de circo.

Bertha, outra personagem da peça, complementa a frase de Rosalind, em alto e bom som:

– Não somos uma espécie diferente de humanos.

Os diálogos acima são ficcionais, mas as personagens retratam cientistas reais: a primeira é a física inglesa Rosalind Franklin (1920-1958), que realizou trabalhos empíricos com o DNA. A segunda é a bióloga brasileira Bertha Lutz (1894-1976), especialista na área de anfíbios e também referência na luta pelos direitos das mulheres.



Informações
Marcos Rodrigues
da Silva

Informações
Maria José Soares
Mendes Giannini

Informações
Rogério Rosenfeld



Além de Rosalind e Bertha, *Insubmissas* retrata também outras duas cientistas, Hipácia (ou Hipátia) de Alexandria (370-415 d.C.) e a franco-polonesa Marie Curie (1867-1934). Ao jogar luz sobre a participação dessas mulheres no desenvolvimento da ciência, a peça expõe um incômodo contraponto: a não rara contribuição masculina para dificultar ou mesmo impedir essa atuação.

> SABIA QUE SERIA INÚTIL ME DEDICAR À CIÊNCIA SE ANTES NÃO CONQUISTASSE OUTROS ESPAÇOS PARA TODAS AS MULHERES. FILHA DE UMA AUTORIDADE NA CIÊNCIA, EU SABIA QUE PELO MENOS A MINHA VOZ SERIA OUVIDA.*
>
> BERTHA LUTZ

* Frases retiradas da peça *Insubmissas*, de Oswaldo Mendes

Esse foi um dos motivos que levaram o autor da peça, Oswaldo Mendes, a priorizar as personagens femininas e optar por uma estrutura surreal: a despeito das diferentes épocas e países em que viveram, as quatro cientistas estão reunidas em uma mesma sala e conversam em português. A "presença" dos homens se resume à citada voz e a uma pequena aparição de um empregado de Bertha Lutz.

"Isso estava claro para mim, desde o início: não deveria ter presença masculina em cena", conta Mendes, que, há cinco anos, recebeu o desafio de falar sobre as cientistas para as atrizes Adriana Dham, Monika Ploger, Selma Luchesi e Vera Kowalska, intérpretes, respectivamente, de Bertha Lutz, Rosalind Franklin, Marie Curie e Hipácia de Alexandria. Desde então, paralelamente às atividades de ator, diretor teatral e biógrafo – Mendes foi vencedor do Prêmio Jabuti, em 2010, por *Bendito, maldito: uma biografia de Plínio Marcos* (Editora Leya) –, dedicou-se à pesquisa sobre suas personagens, com a disciplina de sua formação de jornalista, profissão que exerceu nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Última Hora*, entre outros veículos.

Outras personagens da peça – como a mãe de Rosalind Franklin, a filha mais velha de Marie Curie e uma criada (fictícia) de Hipácia – são interpretadas por Letícia Olivares, atriz que completa o elenco de *Insubmissas*. O diretor da peça, Carlos Palma, concordou com a prioridade feita pelo dramaturgo em relação às personagens femininas – tanto que o empregado de Bertha Lutz, Esmeraldino, ao dialogar com a bióloga, é interpretado pelas demais atrizes.

CONTROVÉRSIA

Entre as personagens de *Insubmissas*, talvez a mais controversa seja Rosalind Franklin, que divide opiniões entre historiadores por não ter seu trabalho empírico feito com o DNA (difração de raio X de amostras cristalizadas) reconhecido pelos três pesquisadores vencedores do Nobel de Medicina em 1962, quatro anos após sua morte. O geneticista norte-americano James Watson, o neurocientista inglês Francis Crick (1916-2004) e o fisiologista neozelandês Maurice Wilkins (1916-2004) ganharam o Nobel pela descoberta da dupla hélice do DNA. A peça, no entanto, mostra uma Rosalind







Hipácia (ou Hipátia, em grego) de Alexandria (c. 350-370 – 8/3/415) ganha vida no palco com a atriz Vera Kowalska. Foi uma neoplatonista grega e filósofa do Egito Romano. Primeira mulher documentada como sendo matemática, era chefe da escola platônica em Alexandria e também lecionou filosofia e astronomia.



Rosalind Franklin (Londres, 25/7/1920 – Londres, 16/4/1958), interpretada por Monika Ploger, foi uma biofísica britânica. Pioneira da biologia molecular, empregando a técnica da difração dos raios-X, concluiu que o DNA tinha forma helicoidal em 1949.





EU FAZIA TUDO SOZINHA. ERA O MEU JEITO DE TRABALHAR. NUNCA GOSTEI DE NINGUÉM NA MINHA COLA. HOMEM OU MULHER.*

ROSALIND FRANKLIN

com opiniões ponderadas sobre o alcance de suas descobertas, embora não poupe críticas a Watson, hoje com 86 anos.

"Pesquisas históricas apontam que, para Rosalind Franklin, o que importava no DNA era apenas sua estrutura. Por outro lado, Watson e Crick buscavam também a estrutura, mas desde que a mesma, simultaneamente, fosse compatível com a função genética da molécula. Estamos, então, diante de objetivos de investigação que, ainda que solidários, são diferentes. E, por conta disso, a mobilização para alcançar seus objetivos foi também diferente", diz o filósofo Marcos Rodrigues da Silva, professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e que atua na área de filosofia da ciência. Silva tratou da questão em 2010, no artigo "As controvérsias a respeito da participação de Rosalind Franklin na construção do modelo da dupla hélice", publicado na revista *Scientiae Studia*, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).





Marie Curie, nome assumido após o casamento por Maria Skłodowska (Varsóvia, 7/11/1867 – Passy, Sallanches, 4/7/1934), vivida por Selma Luchesi, foi uma cientista polonesa. É a primeira pessoa a ser laureada duas vezes com um Prêmio Nobel, de Física, em 1903, pelas descobertas no campo da radioatividade, e de Química, em 1911 pela descoberta dos elementos químicos rádio e polônio.



Bertha Maria Julia Lutz (São Paulo, 2/8/1894 – Rio de Janeiro, 16/9/1976) é o papel de Adriana Dham. Foi uma bióloga brasileira especializada em anfíbios, pesquisadora do Museu Nacional. É considerada uma das figuras mais significativas do feminismo e da educação no Brasil do século XX.





NO FINAL DE 1914, JÁ HAVIA MAIS DE 310 MIL MORTOS PELOS QUAIS EU SÓ PODIA CHORAR. DIANTE DA MORTE NÃO HÁ O QUE FAZER. MAS OS 300 MIL FERIDOS EXIGIAM QUE EU AGISSE. COMO CIENTISTA, COMO MULHER E COMO CIDADÃ DE DUAS PÁTRIAS. EU SABIA QUE OS RAIOS X PODERIAM SALVAR VIDAS. POR ISSO SAÍ PELOS CAMPOS DE BATALHA COM MINHA FILHA.*

MARIE CURIE

Arte Ciência no Palco

Criado há 15 anos, o grupo Arte Ciência no Palco tem como marca levar aos palcos personagens e temas do mundo científico. Em 1998, estreou em São Paulo, com o monólogo *Einstein*, do canadense Gabriel Emanuel. No ano seguinte, ocorreu a oficialização do grupo e mais 16 peças seguiram-se a *Einstein*.

O diretor Carlos Palma não abre mão de orientações de cientistas, como o físico Rogério Rosenfeld, professor do Instituto de Física Teórica da Unesp. Autor do livro *Feynman & Gell-Mann: Luzes, Quarks, Ação!* (2003, Editora Odysseus), Rosenfeld orientou o grupo nas peças *E agora Sr. Feynman?*, adaptação do original do norte-americano Peter Parnell sobre o físico Richard Feynman; e *A culpa é da ciência?*, criação coletiva do grupo, com texto final de Oswaldo Mendes e Alessandro Greco. De ambas, Rosenfeld chegou a assistir ensaios.

"Considero importante levar temas da ciência para o palco e, assim, divulgar a ciência para um público leigo. O grupo já fez peças excelentes, é uma atividade de divulgação científica feita por não cientistas, isso é interessante", diz Rosenfeld.

CRESCI NO MEIO DE HOMENS, COM ELES FIZ AMIZADE. GANHEI O RESPEITO DELES MAIS QUE DAS MULHERES, QUE NUNCA PERDOARAM A MINHA LIBERDADE. MESMO NA GRÉCIA ELAS ME VIRAVAM O ROSTO POR EU CONVIVER COM OS FILÓSOFOS E NÃO COM AS FIANDEIRAS, COMO SE A NÓS NÃO RESTASSE SENÃO O PAPEL DE PENÉLOPE.*

HIPÁCIA DE ALEXANDRIA

HUMANIZAÇÃO

Além da contextualização da época vivida pelas quatro mulheres da peça, os personagens secundários ajudam a compor um painel que as humaniza e as aproxima do público. "É importante fazer a relação das ideias científicas com o mundo de hoje. Se não, a peça vai interessar a quem?", pergunta-se Carlos Palma.

Desta forma, a Marie Curie vista na peça não é apenas a pesquisadora incansável, vencedora de dois prêmios Nobel, um de Física, em 1903 (dividido com o marido, Pierre Curie, e Henri Becquerel) e outro de Química, em 1911, mas a viúva e mãe que enfrentou o preconceito da sociedade conservadora do início do século XX quando veio a público pela imprensa francesa, de maneira escandalosa, seu suposto romance com o também físico Paul Lanvegin, mais novo, casado e discípulo de Pierre Curie.

Por sua vez, Bertha Lutz tem destacado seu pioneirismo no movimento feminista brasileiro. É a personagem de Letícia Olivares que revela à bióloga que seu nome batiza hoje o Prêmio Bertha Lutz, criado pelo Senado Federal em 2001 e concedido anualmente a mulheres, pesquisadoras ou não, com contribuição relevante às questões femininas e aos direitos humanos. A peça cita, entre as pesquisadoras já premiadas, a socióloga Heleieth Safiotti (1934-2010), professora da Unesp, Câmpus de Araraquara.

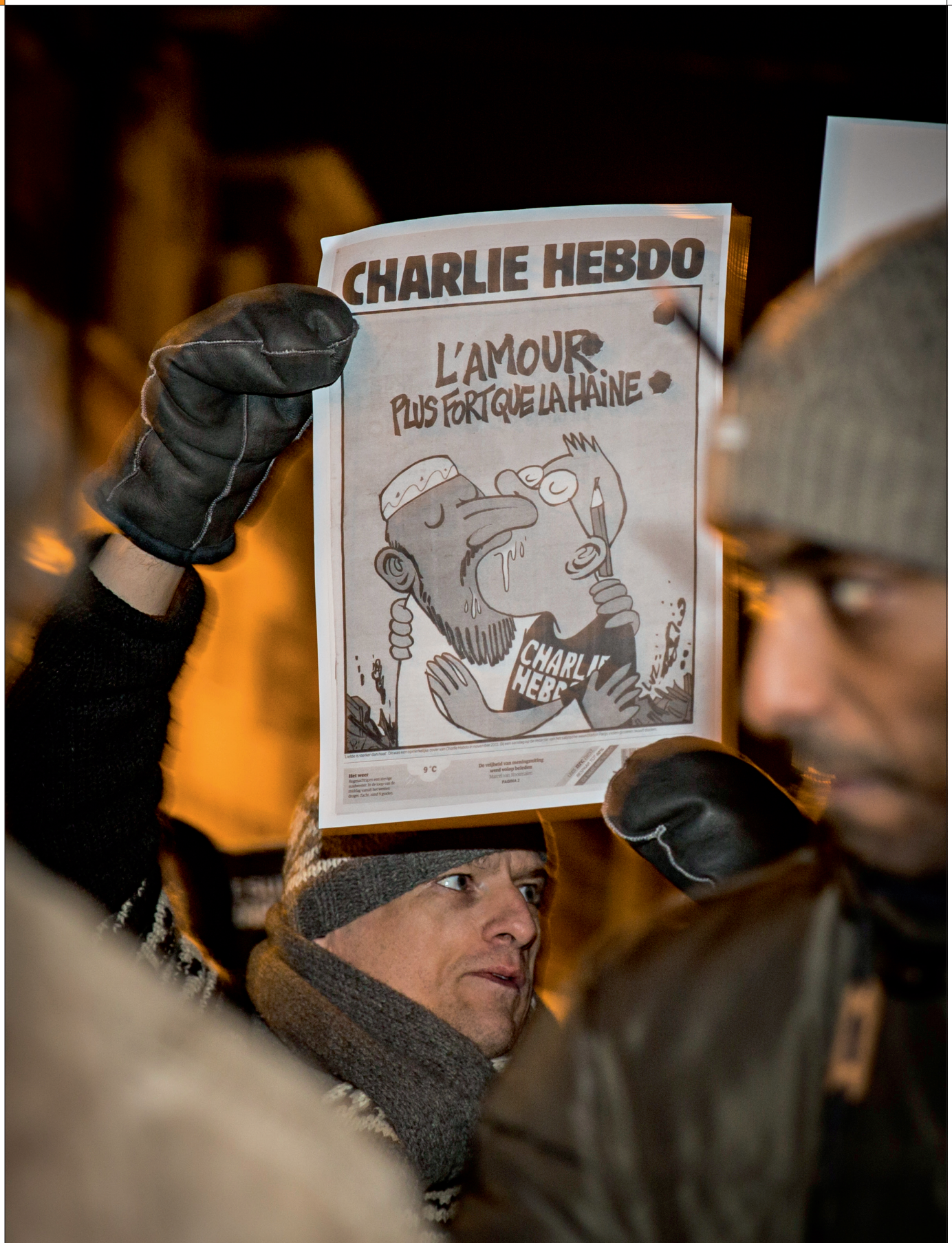
A vida de Hipácia de Alexandria, apesar das pouquíssimas informações que chegaram da Antiguidade até nós, também garante emoção: pagã, filha do astrônomo e matemático Téon de Alexandria, estudou em Atenas e, ao retornar a sua cidade, ensinava as disciplinas do pai, além de física e filosofia. Ao que se sabe, por questões políticas, foi massacrada por um grupo de cristãos fanáticos e enfurecidos.

A PESQUISADORA HOJE

Pró-reitora de Pesquisa da Unesp, a bioquímica Maria José Soares Mendes Giannini acredita que "as mulheres têm sofrido ao longo dos anos preconceitos para ocupar espaços na ciência e o caminho foi extenso e doloroso. As conquistas científicas das mulheres, se comparadas às dos homens, são bem menores".

Maria José lamenta o fato de as pesquisas de Rosalind Franklin não terem o devido reconhecimento e ressalta que Marie Curie, apesar de ser a primeira pessoa a conquistar o Nobel duas vezes e em duas áreas diferentes, "por ser mulher, teve negada uma cadeira na Academia de Ciências da França".

Enquanto as mulheres conseguem, a passos não tão largos, seu espaço na ciência brasileira e mundial, o debate proposto pela peça *Insubmissas* mantém-se atual. "Além da capital paulista, onde esteve em temporada no Teatro de Arena, será levada para outras cidades do Estado e do país", adianta o diretor Carlos Palma.



© Cloud Mine Amsterdam

Dossiê Charlie Hebdo

O JORNAL SATÍRICO FRANCÊS *CHARLIE HEBDO* FOI ATINGIDO, EM 7 DE JANEIRO, EM PARIS, POR UMA AÇÃO VIOLENTA QUE RESULTOU EM 12 PESSOAS MORTAS E CINCO FERIDAS GRAVEMENTE. ESTE CONJUNTO DE ARTIGOS REFLETE SOBRE ATOS CRUÉIS, TURBULÊNCIA POLÍTICA E RELIGIOSA, LIBERDADE DE EXPRESSÃO E (IN)TOLERÂNCIA ENTRE ORIENTE E OCIDENTE

A FRAGILIDADE DAS IDEIAS (EM PARIS OU UBATUBA)

HELOÍSA PAIT

Na véspera do Natal, em sua casa no Tenório, em Ubatuba, o blogueiro Marcos Guerra foi assassinado. Não foi das notícias que apareceram na sua timeline das redes sociais ou que você viu nos telejornais nacionais. Eu mesma só soube quando procurava me informar na internet sobre as chuvas na cidade litorânea paulista. Escrevi para o secretário Fernando Grella e postei a notícia no Twitter e no Facebook, sem resposta do primeiro nem interesse de meus seguidores. Por que não damos a devida atenção à segurança de nossos jornalistas?

O massacre na redação do jornal satírico francês *Charlie Hebdo* teve repercussão global, o que pode ser explicado por muitos fatores: a brutalidade do ataque em si, o arrepio que nos causa a intolerância ao humor e também o fato de que o terrorismo é um problema enfrentado por muitos países hoje.

A perda dos preciosos profissionais europeus, cujo ofício consiste em rabiscar letras e desenhos para nos fazer rir e pensar, merece cada linha que escrevamos sobre eles, cada iniciativa que evite novas perdas, e todas as condenações de chefes de Estado. É essa postura firme e sem tergiversações que dará força a investigações e que apoiará os jornalistas que a cada dia tocam, com humor ou seriedade, em pontos sensíveis de nossas sociedades democráticas.

Neste momento, o fundamental não é a erudição das grandes análises, mas a clara definição do que é certo e do que é errado. E matar jornalistas é errado.

Acredito que a melhor forma de homenagear os cartunistas e defender a liberdade de expressão na Europa e no mundo seja olhar à nossa volta e nos perguntarmos: nossos jornalistas estão seguros? Quem se importa com eles e com os riscos que correm? No Congresso Nacional, a oposição brada a plenos pulmões, corretamente, quando o governo ameaça alguma nova artimanha censora.

Mas não ouvimos vozes eloquentes defendendo jornalistas de carne e osso, blogueiros que cobrem, como Marcos Guerra, os problemas de sua câmara de vereadores, de seus municípios, de sua comunidade. Há algo sedutor em defender grandes princípios abstratos, enquanto casos concretos, a partir dos quais se decide de fato a liberdade de falar e de ser informado, podem ser mais custosos, mais incertos.

Será que ainda vemos, coletivamente, os blogueiros simplesmente como gente que mete o nariz onde não é chamada?

Será que os jornais os veem com desconfiança, os homens públicos com receio, e o público com indiferença? Já bem entrados no século XXI, é hora de começar a levar a

Heloisa Pait é professora de Sociologia da Comunicação na Unesp de Marília e membro do conselho da Open Knowledge Brasil.

Artigo publicado originalmente no *Estadão Noite* de 7 de janeiro de 2015.

sério o trabalho dessas pessoas que, com informações disponíveis na internet e disposição individual, se dedicam a escarafunchar a realidade cotidiana das coisas públicas. Pois cada vez mais dependeremos deles para conhecer e entender o que se passa em nossas repartições e cidades.

Infelizmente, o blogueiro paulista não foi um caso isolado no panorama brasileiro. O Comitê de Proteção aos Jornalistas, ONG que promove liberdade de imprensa no mundo, compilou em seu relatório sobre o Brasil (https://cpj.org/pt/2014/05/segundo-tempo-para-a-imprensa-brasileira.php) outros 12 casos de jornalistas mortos devido ao seu trabalho, apenas nos últimos quatro anos. Mesmo para a América Latina, que não é exatamente o paraíso da liberdade de expressão, estes números são elevados.

Não podemos mais testemunhar esses assassinatos passivamente, como se víssemos um espetáculo da Inquisição, uma lição para quem ousa falar ou pensar diferente. Devemos exigir dos governantes posições claras sobre esses crimes que afetam não apenas as famílias atingidas, mas os laços que nos unem, a confiança que temos uns nos outros de que podemos falar e ser ouvidos.

Já como professores, escritores, artistas, jornalistas e, enfim, gente que tem por ofício formar e instigar, é preciso lembrar sempre aos mais jovens a delicadeza das palavras, das vozes, dos textos, das películas e dos bits. A fragilidade das ideias que existem apenas em corpos que andam nas ruas, olham pela janela, entram em edifícios e podem, num ato cruel, ser apagadas.

ATAQUE AO CHARLIE HEBDO EXIGE RESPOSTA DEMOCRÁTICA

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA

O brutal, covarde e insano assassinato de 12 pessoas com que se empreendeu o atentado terrorista ao jornal satírico *Charlie Hebdo*, ontem em Paris, está sendo comentado, analisado e repudiado por todo mundo. Milhares de pessoas foram às ruas, em Paris e em outras cidades europeias, para protestar contra o crime, de rara violência, planejado nos detalhes e de consequências políticas difíceis de serem compreendidas.

Que sentido político pode haver em fuzilar a sangue frio cartunistas dedicados a submeter o poder e os poderosos ao ridículo da crítica mordaz que não poupava ninguém? Desejou-se matar o humor e a liberdade de expressão, mostrar a face intolerante do fanatismo religioso, provocar a França republicana, desencadear uma crise internacional, produzir o recrudescimento dos sistemas de segurança e repressão, reforçar o preconceito fascista contra os "extracomunitários" e o Islã? Pode ser tudo isso junto, o que faz o horror ficar ainda maior.

O crime cometido revela coisas que sabemos e com as quais convivemos, mas que continuam a nos surpreender, que assustam, chocam e desesperançam, até por estarem integradas e coladas na estrutura da vida contemporânea, fato que faz com que sejam de difícil eliminação. Coisas, em suma, que precisamos assimilar e digerir para, quem sabe, neutralizar.

O risco – tão bem estudado pelo recém-falecido sociólogo alemão Ulrich Beck – tornou-se parte da vida cotidiana. Não tem mais a forma do "acidente" ou do efeito colateral indesejado, mas se converteu em algo sistêmico, muitas vezes produzido *ad hoc*. É imprevisível como sempre, mas todos sabem que ocorrerá sem apelação. Não há esquema de segurança que consiga eliminá-lo ou sequer monitorá-lo com precisão.

A violência e sua banalização vêm na esteira, como parte de um pacote. São impulsionadas pelo próprio modo de vida mundial, não só pela crise do capitalismo ou pela dilatação das zonas de miséria e exploração. Têm a ver com desemprego e falta de perspectivas existenciais, mas não são um produto direto e inevitável disso. Estão igualmente associadas à dinâmica política e sociocultural, às dificuldades de funcionamento dos sistemas democráticos, ao enfraquecimento dos Estados como parâmetro ético. E quanto mais a política perde força e

Marco Aurélio Nogueira é diretor do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (Ippri) da Unesp.

Este artigo foi publicado originalmente no Blog de Marco Aurélio no *Estadão*.



© Conejota

capacidade de persuasão perante a população, mais os valores democráticos se decompõem e cedem espaços à intolerância, à agressão verbal, ao fanatismo turbinado por uma religiosidade fundamentalista que pouco tem a ver com a dimensão sagrada das religiões.

Redes, comunicações facilitadas, conectividade intensiva, visibilidade imediata, tecnologia embarcada na corrente sanguínea da vida diária, tudo empurra a sociedade contemporânea para este misto de civilização e barbárie em que vivemos.

A resposta democrática se faz presente, mas não consegue mudar a situação. Precisa ser fortalecida e renovada, convertida em vocabulário popular e língua franca, para além de lutas estéreis pelo poder político e de confrontos partidários que, hoje, estão vazios de significados densos.

Que a tristeza e o horror provocados pelo massacre do *Charlie Hebdo* nos ajudem a pensar nisso.

ENTRE A CULPA E A REMISSÃO

EDUARDO MEI

Ontem, mais uma vez, o mundo foi assombrado pela notícia da explosão da violência, desta vez no jornal satírico francês *Charlie Hebdo*. Hoje vivemos o drama da velocidade da informação e da produção vertiginosa de notícias que limitam, comprometem e oprimem nossa capacidade de reflexão. A prudência, entretanto, recomenda que não tratemos de nenhum fato relevante "no calor dos acontecimentos". Eis que se impõem dois modelos ideais de tratamento dos fatos. Primeiramente, em ordem cronológica, temos a perspectiva da mídia hegemônica, noticiosa, precipitada, parcial e muitas vezes sensacionalista. Como bem sabemos, nem todo fato vira notícia, e aqueles que viram são tratados de modo parcial. A perspectiva acadêmica dos fatos, por outro lado, demanda tempo de estudo e reflexão

Eduardo Mei é bacharel em Ciência Política e doutor em História. Atualmente leciona Sociologia das Relações Internacionais na Unesp de Franca e é membro do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Intenacional (GEDES).

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 8 de janeiro de 2015.

e almeja um tratamento isento dos mesmos.

A mídia hegemônica, antes mesmo de qualquer investigação dos acontecimentos, classifica os assassinatos perpetrados no *Charlie Hebdo* como ato terrorista. Claro está que não se dá o mesmo tratamento aos crimes cometidos por "nós mesmos" ou "nossos aliados", sempre considerados ações de legítima defesa ou em defesa dos "direitos humanos e universais". Raramente vemos essa mídia definir como terroristas os crimes praticados pelos Estados ocidentais e seus aliados. Terroristas são sempre os outros.

Essa perspectiva parcial dos acontecimentos impede que eles sejam compreendidos e que se busque uma solução adequada para o problema. O crime é tratado como um atentado à liberdade de imprensa, constituindo uma "inaceitável violência contra valores universais de liberdade e tolerância", como se posicionou hoje em seu editorial um jornal de grande circulação [*Folha de São Paulo*, "7 de Janeiro", 8/1/2015]. Corriqueiramente Estados ocidentais violentam os mesmos valores. Mesmo que os supostos assassinos do *Charlie Hebdo* aleguem vingar o profeta Maomé, devemos nos perguntar pela origem do fundamentalismo islâmico. Claro que a relação das causas de qualquer fenômeno histórico sempre está sujeita a questionamentos, mas podemos supor que entre elas encontramos os crimes e violências dos "ocidentais" contra as populações muçulmanas. Lembremo-nos, por exemplo, da tortura da população argelina praticada pelo exército francês nos anos de 1950, da discriminação sofrida ainda nos dias de hoje pela população franco-argelina nas periferias das grandes cidades francesas, da violência contra civis iraquianos e afegãos perpetrada pelas potências ocidentais, do assassinato de crianças palestinas pelo exército de Israel.

Provavelmente a solução adotada para o problema será o investimento em mais segurança, que certamente será acompanhado de redução dos direitos civis, amedrontamento da população e aumento da discriminação. Solução bastante cômoda, afinal a disseminação do medo e o investimento em segurança são medidas eficazes de manutenção do *status quo* e agradam à rentável indústria da segurança.



© Mariontxa

Há 230 anos, Immanuel Kant lamentava a história humana – "entretecida de tolice, capricho pueril e frequentemente também de maldade infantil e vandalismo" – e se propunha a ver nela, apesar de tudo, o lento desabrochar da civilidade e dignidade humanas. O enfrentamento do problema deve envolver a investigação isenta dos assassinatos, com garantia de ampla defesa aos possíveis indiciados, respeitando-se os direitos civis, e também uma mudança de postura perante as populações muçulmanas, o fim da discriminação e medidas de inclusão econômica e social daqueles que hoje são vítimas do preconceito. Esperamos, na boa companhia do filósofo de Königsberg, que o futuro nos reserve menos violência e mais civilidade e dignidade. Caso isso aconteça, viveremos num mundo onde vigore o que ele denominou "hospitalidade universal". Enfim, somos todos africanos e, embora tenhamos tomado caminhos diferentes, acabaremos todos no mesmo lugar, pois habitamos o mesmo mundo, o mesmo grão de poeira cósmica, o mesmo "pálido ponto azul".



A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E A OPINIÃO PÚBLICA INTERNACIONAL

RUAN SALES DE PAULA PINHEIRO

O atentado terrorista que vitimou os cartunistas da revista *Charlie Hebdo* acendeu uma discussão global acerca da liberdade de expressão. Longe de se tratar de polêmica vazia, o que ocorre é o deslocamento de uma disputa antes travada no interior das nações para a esfera transnacional. Na França e nos Estados Unidos, o avanço da liberdade de expressão como valor e como norma envolveu séculos de disputas travadas no campo da filosofia, nos parlamentos, tribunais, mas, sobretudo, nas esferas públicas nacionais. Hoje, ainda que os desafios internos não tenham se esgotado, tais países se posicionam oficialmente em defesa da causa da liberdade. Com o caso levado à instância internacional do tribunal da opinião pública, indivíduos de diversos Estados e culturas se animam com a possibilidade de um novo veredito. Trata-se de um teste às convicções, uma prova de vontades em que cada pronunciamento ou editorial conta.

Em 1764, a Lei do Silêncio instituiu a repressão violenta às discussões públicas na França, condenando as conversações em cafés como focos de agitação política. A resposta viria pouco depois, em forma de revolução. Nos Estados Unidos, uma das primeiras controvérsias envolvendo a liberdade de expressão se deu em virtude do Ato de Sedição de 1798. A iniciativa do governo proibia publicações "mal intencionadas e escandalosas" que se referissem ao presidente e ao Congresso, que era de situação. Políticos de oposição foram julgados e condenados à prisão com base nessa lei, porque não se calaram. Jornais foram obrigados a fechar as portas. Mas a liberdade de expressão continuou demandada e sairia fortalecida com a vitória da oposição nas eleições de 1800. Outros embates importantes ocorreriam no país envolvendo, por exemplo, as tentativas de silenciar discursos contra a escravidão e contra a Guerra de Secessão. A julgar a questão sempre estiveram os próprios cidadãos. O sentido atribuído ao princípio pela sociedade americana é que determinou o lugar que ele ocuparia no ordenamento nacional.

Da mesma forma, a disputa atual, transnacional, não será resolvida pela diplomacia de gabinetes ou em assembleias da ONU. É antes uma questão de milhões de indivíduos que interagem numa esfera pública global com argumentos e intensidade para legitimar ou condenar ações, eleger mártires ou vilões, promover ou limitar valores. Uma resposta firme da opinião pública internacional ao crime que vitimou doze pessoas na redação da revista satírica francesa importa mais que uma série de tratados internacionais. Enquanto tantos forem Charlie, a liberdade de expressão prevalecerá.

Ruan Sales de Paula Pinheiro é pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unesp de Marília e Bolsista do CNPq.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 13 de janeiro de 2015.

Oscar D'Ambrosio é doutor em Educação, Arte e História da Cultura e assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 13 de janeiro de 2015.

CHARLIE HEBDO, MAFALDA E LIBERTAD

OSCAR D'AMBROSIO

Há uma célebre tirinha de Mafalda em que a personagem, ao passar pela rua e ver homens abrindo o chão com picaretas, pergunta se eles estão procurando as raízes nacionais. Eles olham surpresos e respondem que apenas procuram um vazamento de gás. A célebre menina responde que é assim mesmo: "O urgente não deixa tempo para o importante".

Essa mesma preocupação nos atinge perante os atos violentos contra o periódico satírico francês *Charlie Hebdo* no começo de 2015. A intolerância ao diferente é o grande tema sobre o qual devemos nos debruçar – e não é de hoje. Aceitar visões de mundo distintas já é um desafio e, quando elas surgem num tom jocoso e polêmico, a situação se agrava.

A reflexão vem à tona após estar presente, no sábado, dia 10 de janeiro, em frente à exposição "O mundo segundo Mafalda", na Praça das Artes, em São Paulo, SP, a um ato público pela aceitação do outro, em seus aspectos políticos, religiosos e sexuais.

A manifestação evocou Joaquín Salvador Lavado Tejón, Quino, o cartunista argentino criador de Mafalda. As tiras, divulgadas entre 1964 e 1973, apresentam uma menina preocupada com a Humanidade e a Paz Mundial. Rebelde com o estado de desrespeito aos Direitos Humanos no mundo, Mafalda e os personagens que a cercam tornaram-se muito populares na América Latina e na Europa e o linguista Umberto Eco os colocou em pé de igualdade ao personagem Charlie Brown, de Charles Schulz.

É possível ver tudo isso na exposição, com entrada gratuita, até 28 de fevereiro. O que mais chama a atenção na mostra, porém, em função do momento que vivemos, é a personagem Libertad (Liberdade). Nascida para o mundo da ficção em 15 de fevereiro de 1970, é uma minúscula menina obrigada continuamente a ouvir comentários sobre o seu nome.

Última do grupo criada por Quino, seus pais são jovens e idealistas – não poderia ser diferente! Mafalda a conheceu na praia e se surpreendeu com seu pequeno tamanho. É uma versão mais radical da líder do grupo e os adultos não a suportam. Uma de suas frases mais famosas é "Uma pulga não pode picar uma locomotiva, mas pode encher o maquinista de mordidas". Existiria metáfora melhor da Liberdade como algo que pode incomodar pela onipresença?

Enfim, 2015 começa igual aos outros anos. A mesma humanidade que produziu dramaturgos como Shakespeare e músicos como Bach não consegue atingir a justiça social. A prática da liberdade de expressão é respondida com violência, e o preconceito, nas suas mais diversas vertentes, pode levar ao isolamento e à incapacidade de ouvir uns aos outros.

Isso nos faz temer pelo futuro. Refletir a fundo sobre os acontecimentos que envolvem o *Charlie Hebdo*, ouvir a voz de cartunistas, jornalistas e políticos que estiveram no ato pela liberdade de expressão no último sábado e prestar atenção na personagem Libertad, de Quino, na exposição em São Paulo, SP, são fragmentos de esperança que, unidos, se pensarmos no importante e não no urgente, ainda podem gerar uma bela imagem no final do arco-íris da Humanidade.

SOBRE DEMOCRACIA, LIBERDADE E TOLERÂNCIA

MARCOS CORDEIRO PIRES

Ainda não assentou a poeira dos eventos que sacudiram Paris na semana passada. Novos atos de intolerância e violência têm eclodido e preocupado a opinião pública mundial, notadamente aqueles relacionados com o aumento da islamofobia e a reação de grupos políticos mais radicalizados, que enxergam na ação direta uma resposta aos seus ressentimentos.

Do que pudemos assistir até agora, a maior consequência do assassinato de jornalistas e cartunistas do jornal *Charlie Hebdo* foi a vitória da intolerância. Intolerância, de um lado, daqueles que tentam dessacralizar a fé e a



© Neyat/iStock

cultura alheia como se isso se justificasse pelo simples fato de terem o suposto direito para agir assim. De outro, uma resposta violenta e injustificável de ajustar as contas por meio do assassínio, puro e simples. O diálogo e o respeito ao outro, bases da democracia, se esvaíram.

É interessante notar que a reação violenta da insurgência islâmica está oferecendo uma ótima oportunidade aos grupos de extrema direita para justificar sua pauta xenófoba, assim como o ataque às Torres Gêmeas, em 2001, deu argumentos para os setores mais reacionários da sociedade norte-americana na sua "guerra contra o terror". Desde então, assistiu-se aos maiores ataques à liberdade individual na história dos Estados Unidos (e do mundo), além de abrir caminho para os conhecidos casos de tortura de "terroristas", a prisão sem julgamento em Guantánamo e a invasão de países como o Afeganistão e o Iraque. Em nome da segurança, rasgaram-se as leis e os preceitos mais caros à democracia. O fascista religioso e o fascista político são faces da mesma moeda.

Caberia indagar sobre como reagiria a sociedade brasileira diante da motivação original da escalada de violência. Como seria vista uma caricatura que colocasse a Virgem Maria numa posição sensual? Ou um Rabino surrupiando algum bem numa loja de luxo? Um Pastor ensinando a outro como ludibriar um devoto para aumentar o estoque de dízimo? Ou ainda, a reprodução da própria imagem do Cristo nu e prostrado de joelhos?

Tais perguntas não são sem propósito. Diversos colunistas brasileiros vêm defendendo o direito irrestrito do *Charlie Hebdo* de insultar a fé muçulmana. Mas se isso ocorresse no Brasil, o autor da ofensa religiosa poderia ser enquadrado no artigo 208 do Código Penal. Até agora, nenhum desses colunistas defendeu que tal artigo seja extirpado de nosso ordenamento legal. Afinal, o Estado de Direito não é o primado da lei?

Vale repetir um dos fundamentos da democracia: ela não é a ditadura da maioria, mas o espaço onde a minoria possa sobreviver sem assédios. O respeito continua sendo um dos pilares centrais dessa premissa, assim como o direito à vida e a solução negociada de conflitos.

A propósito, o autor destas linhas é ateu e ainda assim respeita as opiniões dos outros. UC

Marcos Cordeiro Pires é professor da Unesp de Marília.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 16 de janeiro de 2015.

MARCOS JORGE



© patrice6000

Processos políticos na América Latina contemporânea

CURSO DISCUTE HISTÓRIA, CULTURA POLÍTICA E DEMOCRATIZAÇÃO NUMA ERA DE TRANSFORMAÇÕES GLOBAIS

Texto de Marcos Jorge

Informações
Alberto Aggio

Informações
Peter Smith

O Curso de Extensão "Processos políticos na América Latina contemporânea – história, cultura política e democratização numa era de transformações globais" ocorreu no segundo semestre de 2014, no Memorial da América Latina, em São Paulo, SP.

Transições complexas, expansão e integração capitalista, reiteração de velhas estruturas, radicalização e reorganização da vida moderna e suas múltiplas e diferenciadas articulações, que se combinam conforme legados históricos nacionais e fluxos internacionais foram tratados como assuntos fundamentais para enfrentar os desafios dos países latino-americanos.

O curso foi coordenado pelo catedrático Alberto Aggio, professor da Unesp de Franca, com a participação de especialistas convidados, que fizeram palestras sobre diversos temas. Ele comentou que o curso buscou levar os alunos à reflexão sobre o continente latino-americano. "O título pode parecer longo, mas é esclarecedor ao indicar nosso olhar para este momento de transformações profundas no mundo. Essas mudanças colocam para a América Latina um grande desafio, que é construir o seu lugar neste mundo", explica.

PROCESSOS POLÍTICOS

O professor Peter Smith, da Universidade de San Diego, na Califórnia, foi o primeiro a participar das atividades. Antes dele, o presidente do Memorial, João Batista de Andrade, destacou que o curso integra um esforço em desenvolver a atividade acadêmica dentro da instituição, especialmente na forma de parcerias com as três universidades públicas paulistas: USP, Unesp e Unicamp.

Smith abordou o processo de democratização da América Latina no século passado. Cientista político e ex-presidente da Latin American Studies Association, a maior associação acadêmica para estudos sobre o tema dos EUA, Smith apresentou gráficos que analisam as mudanças ocorridas na região ao longo do século XX, classificando os regimes como democráticos, semidemocráticos, oligarquias competitivas e autoritários.

Os dados mostram uma onda democrática na região a partir dos anos 1970. Segundo o norte-americano, é fruto principalmente do esforço da sociedade latino-americana e não de elementos externos, como o final da Guerra Fria ou a redução da atuação dos EUA na área. Por outro lado, Smith alerta que ainda prevalecem no continente as democracias "iliberais", termo que ele aplica aos regimes que não toleram manifestações ou discursos de oposição e que mostram pouco respeito pelos direitos civis.

O primeiro dia de atividades do curso foi encerrado com o coordenador Alberto Aggio apresentando alguns conceitos que irão estar presentes na maioria das palestras ao longo do semestre, como o embate histórico e "catas-

MARCOS JORGE



Informações
Fernando de la Cuadra

trófico", segundo o professor, entre o regime democrático e a aplicação de reformas, sejam elas civis, sociais, econômicas ou políticas.

SALVADOR ALLENDE

Um dos temas debatidos foi o governo de Salvador Allende, presidente do Chile de 1970 até 1973, quando foi deposto por um golpe militar. A palestra foi apresentada pelo professor Aggio.

Ele entende que a experiência vivida no Chile é uma das mais significativas para o exercício de reflexão em torno de dois temas recorrentes na história recente da região: democracia e ditadura. "Mesmo depois do golpe, a experiência chilena desperta interesse por tentar construir o socialismo com o aprofundamento da democracia, uma experiência até então inédita", explica.

Durante a palestra, Aggio apresentou o contexto político em que estava inserido o governo da Unidade Popular (UP) de Salvador Allende e as divergências existentes dentro dos diversos partidos da esquerda que apoiavam o então presidente, em especial o Partido Socialista e o Partido Comunista.

Ambos os partidos defendiam que a superação do estado burguês deveria passar necessariamente pelo estabelecimento da ditadura do proletariado e divergiam na forma com que ela deveria ser alcançada. Allende entendia que o aprofundamento da democracia era o caminho para construir o socialismo no Chile.

A EXPERIÊNCIA VIVIDA NO CHILE É UMA DAS MAIS SIGNIFICATIVAS PARA O EXERCÍCIO DE REFLEXÃO EM TORNO DE DOIS TEMAS: DEMOCRACIA E DITADURA

"A esquerda chilena da UP desencadeou efetivamente práticas e retóricas revolucionárias sem mobilizar os meios próprios e indispensáveis para seguir adiante. Em outros termos: não se concebia como uma revolução, mas vocalizava a revolução estridentemente, sem os meios para realizá-la; constituiu-se, enfim, numa ilusão revolucionária", argumentou o professor em texto dirigido aos alunos.

Aggio também destacou a cultura democrática criada no Chile ao longo do século XX. Diferente do resto do continente, o país tinha um sistema político representativo e que vivenciou alterações de gestão e ideologias sem perda de estabilidade, construindo "ainda que de forma tensa e conflituosa, uma trajetória de reformismo social e democracia política".

REVOLUÇÃO

O professor chileno Fernando de la Cuadra debateu o tema "revoluções". A palestra teve como título "Os eixos temáticos e problemáticos da construção da modernidade latino-americana no século XX: a revolução". Pesquisador do CLACSO (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais) e da Rede Universitária de Investigadores sobre América Latina (RUPAL), o chileno começou a apresentação buscando definições de revolução e buscando exemplos latino-americanos.

O professor também discutiu as causas de uma revolução, fazendo uso de reflexões de diversos autores, como Aristóteles (sentimento de injustiça individual ou de um grupo) ou Karl Marx (para quem a revolução era produto de causas estruturais). De la Cuadra cita também a Teoria da Privação Relativa, em que a revolução seria fruto de uma expectativa frustrada de ascensão social, econômica, etc.

O palestrante também destacou a ideia de colonialidade, em que a construção da realidade parte do modelo europeu de desenvolvimento, apresentando, dessa forma, um polo ocidental associado à Europa e ao moderno, e um polo residual (demais regiões), associado ao atrasado, ao primitivo. "A leitura que nós temos de revolução também carrega essa matriz da modernidade europeia", explica.

Neste sentido, de la Cuadra destacou as ideias de José Carlos Mariátegui, pensador peruano do início do século XX que examinava o socialismo a partir da realidade peruana, ou, para ir mais longe, latino-americana. O pensador argumentava que a economia agrária do continente se diferenciava da socieda-

de industrial em que o pensamento de Karl Marx se desenvolveu e propunha a ideia de um socialismo indo-americano.

DITADURAS

A professora Claudia Wasserman, historiadora e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde já foi coordenadora do programa de Pós-Graduação em História, ministrou a palestra "Os eixos temáticos e problemáticos da construção da modernidade latino-americana no século XX: ditaduras e regimes autoritários".

Especialista em questões relacionadas à história contemporânea do Brasil e da América Latina, ela apontou que as ditaduras latino-americanas se caracterizaram, entre outros pontos, pelo uso indiscriminado da força, amparadas por dois modelos de regime: a ditadura oligárquica, cuja função era principalmente a manutenção da situação econômica e social vigente, e o modelo da ditadura de segurança nacional, que surge para manter a ordem especialmente diante da ameaça comunista.

A professora estabelece dois momentos distintos em que se notou a ascensão de regimes ditatoriais na região: os anos 1930, com ditaduras que flertavam com ideologias nazi-fascistas, e os anos 1960, em que o processo de industrialização perde o fôlego e impacta negativamente a economia, causando aumento do desemprego, queda do salário do trabalhador, inflação e ao mesmo tempo o crescimento de movimentos sociais. É neste segundo momento que a palestra foca com mais ênfase.

Claudia lembra o impacto simbólico do sucesso da Revolução Cubana, em 1959, que se torna um modelo para movimentos de esquerda em toda a América Latina. Neste contexto, os Estados Unidos buscam reforçar sua influência sobre o continente, seja por vias diplomáticas, como a Aliança para o Progresso e sua propaganda anticomunista, seja por vias militares, como a Escuela de Las Américas (no Panamá), responsável por desenvolver estratégias de combate a guerrilhas, por exemplo.

Outro tema abordado na palestra foi a transição destes regimes ditatoriais para a democracia, um processo que teve características distintas em cada um dos países. Claudia foca especialmente nos casos de Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, apontando semelhanças, como as respectivas leis que anistiaram os crimes do regime militar. A professora da UFRGS aponta que em alguns casos houve a revisão dessas leis, inclusive com a condenação de réus, e que este processo hoje é uma das atribuições da Comissão da Verdade.

Informações
Claudia Wasserman

REVOLUÇÃO CUBANA

O professor Joan del Alcàzar i Garrido, da Universidad de Valencia, na Espanha, realizou a palestra "A imposição e o esgotamento do paradigma da revolução cubana na cultura política das esquerdas latino-americanas". Ela teve um tom bastante crítico ao regime cubano. O professor da universidade espanhola começou a apresentação discutindo a burocracia cubana por meio de filmes produzidos por cineastas do país, entre eles *Guantanamera* (1995), do diretor Tomás Gutiérrez Alea.

AS DITADURAS LATINO-AMERICANAS SE CARACTERIZARAM PELO USO INDISCRIMINADO DA FORÇA, AMPARADAS POR DOIS MODELOS: A OLIGARQUIA E A SEGURANÇA NACIONAL

O cinema do diretor cubano, inclusive, foi tema de um livro publicado pelo professor Garrido: *De compañero a contrerrevolucionario. La Revolución cubana y el cine de Tomás Gutiérrez Alea*, de 2009.

A palestra também mostrou as dificuldades enfrentadas pelo regime após o colapso da União Soviética, amparando-se em dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Produto Interno Bruto (PIB), entre outros indicadores sociais e econômicos. A improdutividade das empresas estatais do país também foi apontada pelo professor.

O viés econômico foi o principal ponto abordado por Alcàzar, que descreve a ilha caribe-

Informações
Juan del Alcàzar i Garrido

MARCOS JORGE

nha como "um planeta econômico distinto, com suas próprias regras e que não obedece às tendências da economia mundial". Segundo o professor, a baixa produtividade da agricultura cubana obriga o país a importar 80% dos alimentos que consome, além de colaborar com a necessidade de impor racionamento de produtos e alimentos à população local.

O embargo norte-americano também foi tratado pelo palestrante. Ao passo que a sanção dos EUA cria dificuldades à economia da ilha e afeta a qualidade de vida do cidadão cubano, ela também serve à propaganda anti-imperialista do regime, unindo o cidadão cubano na resistência contra uma ameaça comum.

Politicamente, Alcàzar lembra que o regime vive atualmente uma grande dificuldade em se renovar. As principais figuras políticas ainda são as mesmas do período da revolução dos anos 60, e os jovens – os "netos da revolução" – em sua maioria não têm consciência histórica e nem identificação com a mesma.

AS ELEIÇÕES DE 2014 FORMARAM O CONGRESSO MAIS CONSERVADOR DESDE 1964

Para o professor da Universidad de Valencia, Cuba tem um peso político na América Latina muito maior que sua importância real, e é praticamente impossível encontrar críticas ao regime dentro do discurso da esquerda da região.

TRANSIÇÕES DEMOCRÁTICAS

O cientista político Sergio Fausto, superintendente executivo da Fundação Instituto Fernando Henrique Cardoso, iniciou sua fala destacando o desenvolvimento da democracia no continente desde os anos 90, citando como exemplo que o temor de um golpe militar foi substituído pelo debate a respeito da qualidade de nosso regime democrático.

Ainda assim, o palestrante lembrou que a participação política ainda acontece apenas por meio do voto, o que confere ao candidato eleito um "cheque em branco", fato que em alguns países latino-americanos acaba gerando uma concentração excessiva de poderes nas mãos do presidente.

Ainda no debate sobre a qualidade do regime democrático, Fausto cita algumas questões ainda por serem resolvidas, em especial o financiamento de campanhas no Legislativo. Ele lembra que as campanhas que mais gastaram foram as mais bem-sucedidas e conseguiram eleger seus candidatos.

O cientista político aponta que o levantamento realizado pelo Diap (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar) e divulgado na imprensa mostrando que as eleições de 2014 formaram o Congresso mais conservador desde 1964 também está relacionado com deficiências de nosso regime democrático.

"Esta não é uma representação da sociedade, mas uma consequência do sistema político brasileiro. Temos muitos partidos e muitos candidatos. Só em São Paulo foram cerca de 1.300 candidatos a deputado federal. É impossível o eleitor obter informações sobre todos eles. Dessa forma, levam vantagem os grupos já preestabelecidos, com recursos financeiros e exposição na mídia", explica, citando as bancadas ruralista, sindical e evangélica. Fausto lembra ainda que tal contexto leva a um desprestígio da política, que acaba cooptada pelos interesses financeiros, por exemplo, por meio de financiamentos de campanha.

Retomando o contexto da América Latina, o palestrante apontou o surgimento de regimes híbridos no continente, uma vez que não se mostram autoritários, nem democráticos. Citando Equador, Venezuela e Bolívia, Fausto afirma que tais regimes chegam ao poder democraticamente, mas limitam a atuação da imprensa, restringem a atuação do Poder Judiciário e promovem a politização das Forças Armadas.

MANIFESTAÇÕES NO CHILE

Em sua palestra, o professor chileno Gonzalo Cáceres, docente da Pontificia Universidade Católica (PUC) de Santiago, no Chile, abordou as transições pelas quais passam as grandes metrópoles latino-americanas nos dias de hoje.

Informações
Gonzalo Cáceres

Gonzalo Cáceres é licenciado em história e mestre em desenvolvimento urbano na Escola de Arquitetura da universidade chilena e seus estudos focam questões sociais e mobilizações populares nas cidades.

Boa parte de sua palestra, intitulada "Vida urbana nas grandes metrópoles latino-americanas: redesenho da cidade moderna, horizontes culturais e novos protagonismos na vida social", focou exatamente o tema da mobilização social. O professor lembrou as manifestações realizadas no Chile, em 2011, cujas reivindicações focaram principalmente o sistema educacional do país, e estabeleceu comparações com as Jornadas de Junho brasileiras, em 2013.

Uma das questões apontadas pelo palestrante foi o debate em torno da validade das manifestações nos dois países, uma vez que, no caso brasileiro, ficou uma sensação de que, apesar do grande número de pessoas protestando, poucas das reivindicações vistas nas ruas foram atendidas. "A inexistência de uma materialidade que rememore as mobilizações não desmente a sua significância. É preciso analisá-las em um período de tempo mais largo", explica.

Voltando às manifestações chilenas de 2011, Gonzalo levantou pontos marcantes, como a participação central das mulheres, o surgimento de novas lideranças políticas no país e a incidência de muitos casos de violência contra a propriedade e contra pessoas.

As mobilizações no Chile também levantaram questionamentos sobre a atuação da Polícia Militar local, os carabineros. Os debates sobre a força de segurança levaram à adoção de algumas medidas importantes, como a inserção de aulas de Direitos Humanos na formação da polícia e a obrigatoriedade de que as detenções fossem filmadas. Nesse sentido, aponta o professor, as manifestações serviram para levantar algumas questões pós-ditadura ainda não resolvidas.

No encerramento da palestra, o professor Alberto Aggio lembrou que na construção da democracia chilena prevaleceu, na maioria das vezes, o consenso. O professor da Unesp de Franca, entretanto, lembrou que o conflito também é uma possibilidade neste processo democrático, mas administrá-lo é um desafio. "Não é fácil se pensar a construção democrática através do conflito. Há um limite para a ideia de adversário e de inimigo e este limite às vezes é difícil de ser estabelecido", analisa.



Em novembro, uma mesa-redonda com o tema "Questões para uma 'esquerda democrática' na América Latina: processos, cultura política, diferenciações e incompletudes" marcou o encerramento do curso. A programação incluiu um debate com a presença do professor Vicente Palermo, da Universidade de Buenos Aires (UBA), de José Álvaro Moisés (Universidade de São Paulo) e de Aggio.

"Ao longo do segundo semestre de 2014 discutimos os principais problemas históricos, políticos e culturais que estão presentes nas dinâmicas mais expressivas da América Latina Contemporânea, tomando como elementos de reflexão questões histórico-estruturais, digressões e debates teóricos e historiográficos", concluiu o organizador. ■

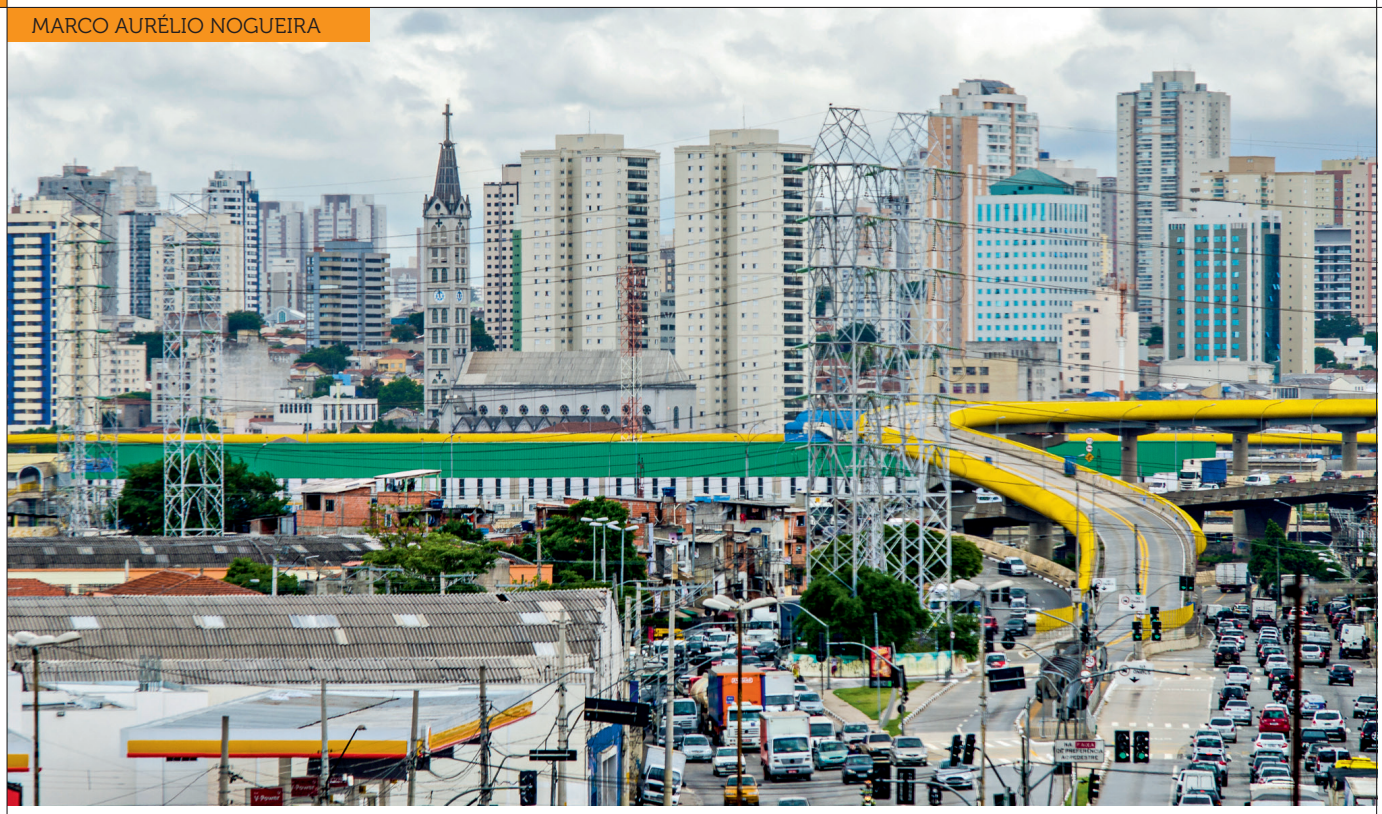
A CÁTEDRA

A Cátedra Unesco Memorial da América Latina foi criada, no âmbito do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina – CBEAL, para apoiar diretamente a construção do saber latino-americano, por meio de uma importante parceria do Memorial com as três universidades públicas paulistas – USP, Unesp e Unicamp –, com o objetivo de constituir uma matriz de pensamento e formar especialistas em questões contemporâneas do continente.

Informações sobre a Cátedra

UC

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA



© Chello Fotógrafo

A cidade inimiga

PASSADOS 461 ANOS DE SUA FUNDAÇÃO, A CIDADE DE SÃO PAULO É UMA DAS MAIORES METRÓPOLES DO MUNDO, MAS NÃO CONSEGUIU TORNAR-SE MAIS AMIGÁVEL PARA SEUS MORADORES.

É uma terra de encontros e desencontros, sonhos e fantasias, onde o plural se impõe, as culturas se interpenetram e as experiências se multiplicam. Lócus de chegadas e partidas, de vidas que se cruzam e se prolongam no tempo, gerações após gerações, misturadas com existências fugazes, impermanências e deslocamentos incessantes. São Paulo é amada e odiada, vivida como objeto de desejo e temor, um circuito de anonimatos repleto de sucessos surpreendentes e celebridades instantâneas, que vão e vêm.

Tem tudo para dar certo, a começar da pujança econômica, do dinamismo cultural e da centralidade que ocupa no mapa político do País. É uma cidade continental, referência internacional. Mas segue à deriva, imune a tentativas de planejamento, submetida a caprichos políticos e gerenciais, a arranjos inconsistentes e à falta escandalosa de políticas públicas, como um gigante que todos temem e não se dispõem a enfrentar. Com o passar do tempo e a cristalização de suas lacunas, a cidade foi-se tornando inimiga de si mesma.

Tudo nela é difícil, caro e cansativo, a começar do lazer e do "bem viver". O paulistano é um forte, vive num vácuo de solidariedade sustentável. Não faltam espaços para a convivência, mas eles são disputados palmo a palmo: primeiro com a especulação e os negócios, depois com o privatismo elitista e os automóveis e, por fim, os cidadãos disputam-nos entre si. Filas, congestionamentos, esperas intermináveis, mau atendimento, amontoados, desgastes, custo. E o barulho permanente, sempre e em todos os lugares, a roubar o sossego, como se o silêncio estivesse proibido ou tivesse perdido "valor de mercado".

Cidades costumam ser comparadas, determinismos históricos à parte. O preço de um ingresso de cinema, de uma refeição, de um bilhete de metrô, o tempo que se gasta em deslocamentos, a oferta cultural, o desenho urbano, a postura dos policiais, a linguagem dos moradores, o modo como lidam com o estrangeiro e o turista – tudo serve para que se perceba a

qualidade de vida em cidades diferentes.

São Paulo não sai bem neste tipo de fotografia. Ganha somente de cidades particularmente problemáticas. Perde de goleada quando comparada com municipalidades de ponta em termos de vida urbana: Paris, Berlim, Barcelona, Amsterdam, Nova York, mas também Buenos Aires, Bogotá e Montevidéu, bem consideradas as diferenças de escala.

Há cidades mais amigáveis, outras menos. O que as distingue é o modo como a vida nelas transcorre. As mais amigáveis são as que se abrem para as comunidades e as pessoas, que as convidam para uma celebração coletiva na qual cada um possa circular, usufruir, contemplar, aprender e crescer, ser o que deseja ser, sem muitos custos adicionais. São cidades eminentemente pedestres, com calçadas seguras, automóveis submetidos ao fluxo e ao ritmo das pessoas e do transporte coletivo, que funciona sem muita reclamação. Cidades onde se pode circular sem medo, ainda que com a devida precaução. Cidades plurais, nas quais a tolerância, o reconhecimento da diversidade dos outros e a valorização do que há de comum nas experiências socioculturais andam de mãos dadas.

Cidades não nascem amigáveis: precisam lutar para ficar assim. Podem se beneficiar de tradições comunitárias seculares, mas não se consolidam sem empenho coletivo e intervenção pública democrática, política cultural e educacional. Não são cidades sem problemas, desigualdades, tensões ou segregações. No mundo do risco, do capitalismo intensivo e do mal-estar em que se vive hoje, isso, aliás, seria impossível. Elas também têm suas negatividades, seus defeitos de origem, suas periferias injustas e humilhantes. A diferença é que contam com uma corrente sanguínea de onde emanam vida cívica e parâmetros para o conjunto.

Já as cidades inimigas primam pela hostilidade e pelo alto custo existencial. Também elas não nascem assim: tornam-se. Por carência de políticas e movimentos comunitários sistemáticos, por estragos derivados de guerras atrozes, pela perda de oportunidades, pela falta de lideranças democráticas, pelos azares históricos, por excesso de mentalidade especulativa.

Cidades são filhas da História. Nas metrópoles atuais, o tempo livre encurtou, o lazer virou espetáculo, o mercado e o consumo ganharam força descomunal, tudo passou a ser agendado. Seria estranho se isso não se refletisse nas ruas. Os jovens têm menos autonomia, os encontros se dão mais em shoppings que nas praças, já não se brinca fora de casa, da escola ou de espaços controlados. A espontaneidade e a convivência aberta, geradoras de surpresas e encontros inesperados, praticamente desapareceram. Há conflitos disseminados e violência em excesso.

O PAULISTANO É UM FORTE, VIVE NUM VÁCUO DE SOLIDARIEDADE SUSTENTÁVEL (...) SÃO PAULO NÃO É SEGURAMENTE UM CASO PERDIDO. HÁ MUITO NELA QUE APONTA PARA O FUTURO E É DISSO QUE A CIDADE EXTRAI BOA PARTE DE SEU MAGNETISMO.

Por isso mesmo, todas as cidades passaram a ficar dependentes de políticas que promovam a vida urbana – urbe: civitas: polis – e a reinventem de modo continuado. As que sabem forjá-las e adotá-las adquirem outra qualidade.

São Paulo não é seguramente um caso perdido. Há muito nela que aponta para o futuro e é disso que a cidade extrai boa parte de seu magnetismo. Mas uma cidade que olha para o futuro sem mapear adequadamente o presente em que pisa e sem valorizar de onde veio se arrisca a ter um futuro vazio, interposto como uma órtese às suas realidades urbanísticas e existenciais excruciantes.

Aos 461 anos de vida, São Paulo está carregada de trunfos e coisas positivas. O que falta nela são políticas continuadas, uma ideia urbana que sirva de matriz geradora e produza adesão popular, servindo assim de parâmetro para a conquista da cidade pela população. Não é só um problema de bons ou maus governos. Mas sim de arte política superior: construção de uma cidade como pacto de convivência.

Marco Aurélio Nogueira é diretor do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais da Unesp.

Este artigo foi publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo* de 24 de janeiro de 2015.

OSCAR D'AMBOSIO



© Sérgio Miranda

Jeito diferente de celebrar

São Paulo celebrou seus 461 anos dia 25 de janeiro. Eram numerosas as comemorações, mas decidi ir ao Museu de Arte Contemporânea da USP ver a instalação "Transarquitetônica", de Henrique Oliveira. Trata-se de uma estrutura de madeira que permite a circulação do público, evocando desde as cavernas da Pré-História a conceitos arquitetônicos contemporâneos.

Em momento de falta de água nas torneiras, excesso de chuva nas ruas e falta de energia elétrica nas casas, o espaço não poderia ser mais apropriado. Passeando por dentro dos compensados de madeira e das emoções que eles despertam foi possível pensar na própria existência do paulistano hoje.

Henrique inventa a sua maneira de fazer arte, experimentando e rompendo tradições. Utiliza materiais inesperados e dá nova vida a elementos que poderiam ser descartados. Seu universo de covas e raízes remete ao que poderá ser São Paulo numa visão apocalíptica: uma cidade seca e vazia.

Mas há também esperança. Para sair dos corredores sufocantes e escuros, há aberturas para a luz e para a livre respiração. É uma maneira de desafogar e de encher os pulmões de ar, olhando para os brancos das paredes que podemos preencher com nossos sonhos.

Na arte contemporânea, fazer perguntas e estabelecer padrões diferenciados são princípios essenciais. Além das aparências, uma obra fala pelas ideias que propõe e pelos sentimentos que gera. Assim, Henrique Oliveira abre os nossos olhos e nos faz enxergar o mundo de um jeito diferente. Saindo da exposição, passei a observar, explorar, questionar e a me entreter com São Paulo de uma nova maneira. Seus 461 anos passaram a me fascinar ainda mais. UC

Oscar D'Ambrosio é doutor em Educação, Arte e História da Cultura e assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp.



© Arquivo pessoal

Planetário para pessoas com deficiência visual

O Grupo de Amadores de Astronomia de Ilha Solteira "Prof. Mário Schenberg" – GAAIS, do Departamento de Física e Química da Unesp naquela cidade, tem se dedicado à divulgação da Astronomia para estudantes, amadores e para a população da região.

Com esse objetivo, foram investidos esforços e conhecimento para que pessoas com deficiências visuais (DV) possam aprender alguns conceitos sobre o assunto e adquirir uma melhor ideia de como é o céu noturno, com seus bilhões e bilhões de estrelas e constelações visto por uma pessoa sem deficiência visual.

Foi assim construído por membros do GAAIS e colaboradores um planetário especial. Foi dividido em duas partes, ou seja, foram construídos dois hemisférios, o norte e o sul, contendo algumas das principais estrelas (mais de 500 estrelas) que formam as constelações austrais, boreais e do zodíaco (total de 72 constelações).

Com a metodologia adotada, o DV pode ter uma ideia menos abstrata sobre a distribuição das estrelas na abóbada celeste, a magnitude aparente das estrelas e a localização dos astros, entre outros conceitos.

A iniciativa, inovadora na região e no país, oferece uma excelente oportunidade para os DVs vislumbrarem novos horizontes. "Para o Grupo, credenciado junto ao CNPq, o projeto é uma maneira de atender melhor e possibilitar a inclusão de pessoas com deficiência visual em mais uma área anteriormente a anos-luz de distância e, agora, possivelmente, a alguns passos de todos", conclui Cláudio L. de Carvalho, professor da Unesp de Ilha Solteira e coordenador do GAAIS.

Informações
Cláudio L. de Carvalho

JOÃO MARCIO PALHETA DA SILVA



© T photography

Território e Mineração em Carajás

O livro *Território e Mineração em Carajás*, de João Marcio Palheta da Silva, professor da Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará, foi lançado em dezembro. A obra é parte de tese de doutorado defendida em 2004 na Unesp de Presidente Prudente sob orientação de Eliseu Saverio Sposito.

Leia a introdução.

O território paraense, no período contemporâneo, é muito diferente daquele da fronteira agrícola do começo dos anos de 1990. Sua expansão econômica criou formas para atender parcelas da população e a maioria das cidades cresceu em diferentes direções. Contribuiu para esse crescimento a instalação dos grandes objetos espaciais ligados à mineração que atraiu para os municípios da Amazônia Paraense, direta ou indiretamente, um contingente populacional significativo seduzido pela oportunidade de trabalho, contribuindo, assim, para o crescimento e o surgimento de novos núcleos urbanos, sem planejamento, como é o caso das cidades mineradoras na região Sudeste do Estado do Pará.

A falta de planejamento integrado é um dos "nós" dos territórios deste Estado, uma vez que a população se concentra cada vez mais nas cidades mineradoras, que inflam a cada dia, por absorver pessoas vindas de todos os cantos do Sudeste Paraense e do Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida nos projetos e em regiões que concentram objetos espaciais com dinâmicas atreladas, principalmente à escala internacional.

A produção e o uso do território nas áreas que concentram projetos mineradores, como é o caso do Sudeste Paraense, principalmente os municípios desmembrados de Marabá, criou novas territorialidades, implicando em práticas sociais que diferenciam territórios e se dife-

renciam em terras paraenses. Pergunta-se: as relações socioeconômicas no Sudeste do Pará, nas cidades que abrigam grandes projetos de mineração, teriam mais condições de promover o bem-estar da sociedade, sem prejuízos, sem deixar a perder de vista o desenvolvimento local, a partir da economia mineral? E como articular a gestão do território, considerando as diferentes dinâmicas econômicas produtoras de novas territorialidades, na promoção do desenvolvimento socioeconômico paraense em áreas de mineração?

Os recursos existentes nessas áreas, que são elementos de intencionalidade através das práticas sócio-político-econômicas, materializam, segundo Santos e Silveira (2003), as configurações territoriais. Assim, tanto os recursos naturais existentes como os recursos político-econômicos são alvos de questionamentos sociais que pleiteiam a sua socialização para uso geral da sociedade, diante das dinâmicas econômicas atreladas à geografia da mineração, como é o caso paraense.

A territorialidade torna-se, assim, uma condição para se construir a resistência nos lugares e a organização em setores da sociedade civil para elaborarem suas metas, a fim de atingir suas ações e seus anseios em relação ao desenvolvimento sócio-econômico-político. O significado do território, então, está diretamente relacionado com as diferentes territorialidades que os atores sociais materializam por força de suas relações de poder e também pelas intencionalidades dos grupos internacionais, que conectam a economia local à internacional, pressionando cada vez mais os territórios, sob a égide do mercado, e alterando o espaço geográfico. Buscar desenvolver estratégias de desenvolvimento sócio-econômico-político, então, passa a ser objetivo dos atores, que precisam garantir suas territorialidades em Carajás.

No entanto, podemos levantar um conjunto de questões que poderiam auxiliar nossa caminhada em busca de uma interpretação do território em Carajás: O que significa governo na atual configuração da região de Carajás, e quais são os atores sociais que modificam essa forma de governar? Que governos estão modificando seu território em busca de recursos financeiros para dinamizar esse espaço e quais são os mecanismos utilizados por esses governos?

Sabemos que as diferenciações no território passam, sobretudo em espaços como o de Carajás, pela política econômica desencadeada em diferentes níveis, onde o global acaba por influenciar as decisões locais e, no local, evidencia-se a diferença, ocasionando conflitos de várias naturezas. Como exemplo, citamos uma rede de acontecimentos responsáveis pela fragmentação socioterritorial da área do antigo município de Marabá, onde se concentram os maiores projetos da empresa Vale. Essa área

TANTO OS RECURSOS NATURAIS EXISTENTES COMO OS RECURSOS POLÍTICO-ECONÔMICOS SÃO ALVOS DE QUESTIONAMENTOS SOCIAIS QUE PLEITEIAM A SUA SOCIALIZAÇÃO

– onde, no começo da década de 1980, já se faziam sentir os efeitos das décadas anteriores bem como um descontentamento da elite do Sudeste Paraense em função da partilha pelo poder político-econômico local – está sendo denominada por nós neste livro como recorte da região de Carajás.

Como entender diferentes relações sociais sobrepostas de formas contraditórias; ora fazendo seus pares no território, ora desenvolvendo ações e definindo práticas de seu interesse? Ficamos observando e estudando essa região, da qual nos tornamos admirador. Tivemos interesse em entender e compartilhar, de forma direta ou indireta, o conhecimento com aqueles que nos ensinaram tudo que pensamos saber sobre a região e, como também, admirá-los por permanecerem nessa área, desenvolvendo suas práticas para melhorar as condições sociais dos municípios aos quais pertencem. Foi dessa forma que nos propusemos a tentar entender essa região, dentro de uma área limitada para nosso estudo, mas com complexidade variada e peculiar.

JOÃO MARCIO PALHETA DA SILVA



© T photography

Procuramos analisar e contextualizar a antiga área do município de Marabá, durante a década de 1980, os processos sócio-político-econômicos que dinamizaram o período posterior e transformaram os municípios de Marabá, Parauapebas, Curionópolis, Eldorado dos Carajás, Canaã dos Carajás e Água Azul do Norte em palcos dos possíveis projetos da antiga Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) – hoje denominada apenas como Vale –, bem como a dinâmica interna de cada município em relação a sua viabilidade econômico-financeira e as formas de poder expressas através de produção sócio-político-econômica do território.

ANALISAMOS OS MUNICÍPIOS E SEUS RECURSOS SOCIOTERRITORIAIS, COM BASE NAS MATERIALIDADES DAS RELAÇÕES DE PODER

Analisamos os municípios e seus recursos socioterritoriais, com base nas materialidades das relações de poder, tentando mostrar que o território, na região de Carajás, é um espaço sócio-político-econômico e que os exercícios de poder são relações que fazem dessa área um território de complexidades variadas no tempo e no espaço, pelos diferentes atores sociais, nos municípios que sediam os principais projetos da Vale no Sudeste do Pará.

Com base em entrevistas e documentações que foram coletadas, *in loco*, junto a atores locais envolvidos nas formas de produção do espaço geográfico Carajás, procuramos analisar os processos que fizeram os locais onde estão os projetos da Vale, no Pará, continuarem a ser uma área onde ainda há ações que podem levar a novas emancipações territoriais; bem como analisar a mudança das ações do grupo Vale nos municípios que sediam seus projetos e estão em sua área de influência após sua privatização; e avaliar, também, as implicações para a gestão de cada um dos municípios estudados, advindas da privatização da empresa de mineração Vale.

Este livro tem por finalidade analisar os usos dos territórios municipais e, principalmente, os impactos da mineração nas cidades-sedes da região Sudeste do Pará, especificamente na primeira década do século XXI – resultado da pesquisa de doutorado defendida, em 2004, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Presidente Prudente-SP, e sua continuidade com o projeto financiado pelo CNPq: "Uso do território e impactos socioambientais da atividade mínero-metalúrgica nas cidades de Parauapebas e Juruti no estado do Pará (2011-2013)" –, que possuem em seus territórios empreendimentos minerais com capacidade de conectar o local à economia internacional, reorganizando o espaço geográfico paraense e provocando no território complexidades diferenciadas.

O antigo município de Marabá e os municípios que surgiram desmembrados dele, a partir do ano de 1988, na região Sudeste do Pará, por possuírem características distintas ligadas à mineração e às formas e funções com dinâmicas diferenciadas no espaço geográfico; por articularem relações que fogem à escala do local; e por produzirem novas territorialidades a partir da dinâmica econômica da mineração, são os exemplos estudados para demonstrar o território das empresas de mineração e a exploração dos recursos naturais, gerado por uma "nova" geografia da mineração na Amazônia brasileira, especialmente a paraense, a partir da instalação dos grandes projetos minerais.

Informações João Marcio Palheta da Silva

Os judeus e a vida econômica

LIVRO ENFOCA CONTRIBUIÇÃO JUDAICA À INSTAURAÇÃO DO CAPITALISMO

Werner Sombart apresenta, em *Os judeus e a vida econômica*, uma análise detalhada da contribuição judaica à instauração do capitalismo. Ao examinar o deslocamento da atividade econômica dos países meridionais para os países setentrionais da Europa entre o fim do século XV e o fim do século XVII, quando o capitalismo se estabelece, percebe vínculo entre esse fenômeno e a migração dos judeus, coincidentemente do sul para o norte do continente.

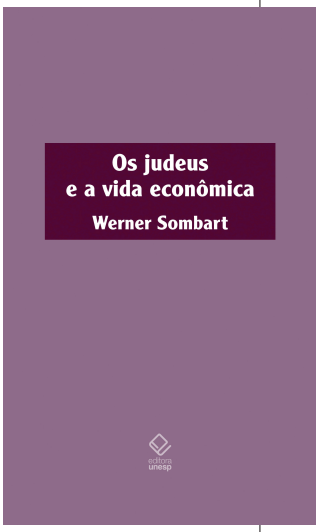
A busca pela origem do "espírito capitalista" remonta à leitura de Sombart dos estudos de Max Weber sobre a conexão entre puritanismo e capitalismo. Ele passa a ver nos componentes do dogma puritano descritos por Weber, que se originaram no arcabouço de ideias da religião judaica, "importância real" na formação do "espírito capitalista".

Sombart volta-se em seguida à imigração judaica entre os séculos XV e XVII. E discorda da explicação corrente para o repentino declínio da Espanha, simultaneamente ao crescimento da Holanda, o definhar de importantes cidades da Itália e da Alemanha e o florescer de outras, como Livorno, Hamburgo e Frankfurt, que teriam decorrido da descoberta da rota marítima para as Índias Orientais: "Ao examinar o assunto mais de perto, tive plena certeza de que de fato eram os judeus que promoviam o crescimento em pontos decisivos nas localidades em que estavam e acarretavam o declínio onde se retiravam".

Em boa parte do livro o autor dedica-se a levantar e demonstrar os atributos e capacidades que levaram os judeus a se destacar de modo tão enfático na construção da moderna economia nacional. Ao longo da História, afirma, procurou-se justificar esse destaque com uma fraseologia precária e antiquada: "coerção externa", "capacitação para o comércio e a barganha", "falta de escrúpulos". Para Sombart, porém, tal capacidade resulta essencialmente da casualidade histórica aliada às características singulares do povo judeu: um povo do deserto, migrante, cálido, que se estabeleceu em meio a povos essencialmente diferentes – "povos frios e molhados, taciturnos e sedentários".

"A total singularidade do aparecimento do capitalismo moderno é evidenciada por este fato que explica em parte a sua essência: só a combinação puramente 'casual' de povos tão díspares e só o seu destino puramente 'casual', condicionado por milhares de circunstâncias, embasou sua peculiaridade. Não haveria capitalismo moderno e nem cultura moderna sem a dispersão dos judeus pelos países setentrionais do globo terrestre!", escreve o autor.

As condições peculiares em que viviam os judeus na Europa ocidental e na América a partir do século XV teriam sido definidoras daqueles rumos. Entre essas condições estava o fato de boa parte dos judeus ser constituída de pessoas ricas – o que acabou facilitando a criação das primeiras sociedades e bancos. Os judeus ainda mantinham redes de relacionamento importantes, por terem se espalhado pelos dois lados do Atlântico, o que facilitou a internacionalização dos negócios. Como imigrantes, foram desenvolvendo todos os modos de agir e mentalidades que necessariamente resultam do intercâmbio com "estrangeiros", o que lhes possibilitou exercitar diuturnamente a "moral do estrangeiro", à qual foram adaptando toda a conduta comercial. UC



Editora Unesp, 515 páginas, R$ 82, tradução de Nélio Schneider

Sobre o autor
Werner Friedrich Wilhelm Carl Sombart (1863-1941), foi um sociólogo e economista alemão. Figura de destaque da escola historicista alemã, situa-se entre os mais importantes autores europeus do primeiro quarto do século 20, no campo das Ciências Sociais.

NELSON SCRENCI



© Arquivo pessoal

Pintura com dedicação

Dentro da parceria entre o Comitê de Artes e Cultura da Unesp, ligado à Pró-reitoria de Extensão Universitária, e a Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo, vêm sendo realizadas entrevistas com artistas plásticos. Um deles é o paulistano Nelson Srenci.

Oriundo de família humilde, com pai descendente de italiano e mãe pernambucana, ele construiu sua trajetória sem nenhuma referência plástica mais concreta por perto. Uma primeira lembrança vem dos 12 anos, com a coleção Gênios da Pintura de uma tia.

No entanto, o maior marco nesse período de formação foi uma notícia na TV, ainda em preto e branco, em 1968, da inauguração da sede do MASP – Museu de Arte de São Paulo, na Avenida Paulista, com a presença da rainha Elizabeth II. Com 13 anos, quis ir. Foi, mas era segunda-feira, dia em que o local estava fechado.

Voltou no dia seguinte e lembra da experiência como se fosse hoje. Aquele foi o início de uma jornada de visitas por museus de todo o mundo. Algumas lembranças daquele dia o acompanham até hoje: imagens anônimas da Idade Média sobre céu e inferno, Bosch, Monet, Van Gogh e Modigliani. Mesmo assim, o sonho de ser artista ainda não estava cristalizado. No final dos anos 1960, a grande ambição era ser astronauta, e seus desenhos na época eram de foguetes e viagens espaciais.

Iniciou os cursos de Letras e de Psicologia, mas largou ambos até se encontrar no de Artes Plásticas, na Fundação Armando Álvares Penteado – Faap, onde se formou em 1982. No ano seguinte recebeu o importante Prêmio Pirelli de Pintura, que gastou todo em material. Depois começou a preparar material para sua primeira individual, realizada em 1987, no Sesc Paulista.

Texto
Oscar D'Ambrosio

Quase 30 anos depois, Screnci guarda uma relação carinhosa com esses primeiros trabalhos. São mais de 800, a grande maioria catalogados e fotografados. Nessa trajetória, lecionou para todas as idades, o que o leva a não colocar diferenças entre as atividades de artista e de professor.

De modo geral, consegue ver oito séries em suas obras, mas elas nunca se fecham. Uma obra chama a outra, e cada uma nunca se fecha. Vão acontecendo naturalmente, numa exigência interna do artista. A matriz desse processo é um enorme e antigo livro de contabilidade que recebeu de presente da proprietária da Livraria Marconi. Ali ficam registrados projetos, ideias, rabiscos e sonhos.

Alguns vão para a frente; outros, não. Nesse ir e vir, a atividade artística se revela prazerosa, embora difícil, sofrida e angustiante. A humildade da consciência de que se está aprendendo diariamente é essencial, assim como manter a mente sempre atuando. No caso de Screnci, sua ligação com a história da arte se expressa nas constantes releituras de trabalhos dos mestres.

Em relação às escolas atuais de arte, Screnci condena a abolição do desenho de alguns currículos, na esteira de uma negação das técnicas mais antigas. Para ele, o ego dos criadores vem aparecendo demais, enquanto o verdadeiro artista precisaria apenas ter o desejo de produzir enraizado na alma e no coração. Isso levaria a uma produção constante, não a uma manifestação voltada para agradar os curadores, as atuais estrelas do mundo plástico.

Screnci exemplifica com a sua turma na Faap. Após cinco anos de curso, dos 200 que começaram, apenas 17 se formaram e só três permanecem atuando na área. Isso se dá no contexto de uma profissão não regulamentada e de um momento em que os criadores visuais são, como outros produtos, cada vez mais descartáveis pelo mercado, sendo substituídos geração após geração.

Entre suas referências, Screnci confessa seu amor pela pintura brasileira dos anos 1950 e 1960, com destaque para nomes como Guignard, Pancetti e Portinari, entre outros menos conhecidos.



© Arquivo pessoal

DECÁLOGO DE UM PINTOR, POR NELSON SCRENCI

1 Não existem regras para iniciar uma pintura. Existe, sim, um repertório

2 A pintura é um grande exercício de autoaprendizagem e de abnegação

3 Quem diz que sabe pintar bem já começou a desaprender

4 Pintar é sempre um privilégio, e quase sempre uma felicidade, uma alegria!

5 A melhor pintura é sempre a que se está fazendo no momento

6 Pintar é transformar materiais e pessoas em novos materiais e pessoas.

7 Mais difícil do que começar a pintar é decidir quando a obra termina.

8 Sem disciplina não existe trabalho. Sem trabalho não existe arte.

9 Pintar pensando em ser avançado já é um sinal de estar no passado

10 Para o artista, a arte termina onde começa o mero exercício da vaidade.

Já há quatro anos que o artista mora em São Bento do Sapucaí, SP. Essa proximidade com a natureza o levou a aprofundar a série que já fazia de paisagens. Morar no interior permitiu um maior contato com as pessoas, ouvindo seus 'causos' e imaginações, à Guimarães Rosa, e a observar mais e melhor os milhares de tons de verde da Serra da Mantiqueira.

O trabalho se aprimora pelo aprofundamento de um sutil jogo de tons. Em paralelo, está pintando novamente trabalhos antigos dos quais tem apenas as fotos. Trata-se de um autêntico encontro consigo mesmo, enquanto indivíduo, e com a sua pintura, num diálogo entre quem foi e quem é para construir quem será.

Screnci realiza seu trabalho com disciplina de monge. Hoje separado, teve durante um casamento de 22 anos, sem filhos, a possibilidade de intensa dedicação. No seu chalé, entre poucos objetos e muitos livros, pinta de manhã e à tarde. Por questões de luz e pelo cansaço, lê à noite. Raramente sai e desenvolve uma produção constante e meticulosa.

Demora por exemplo, cerca de dois meses para pintar uma de suas telas da série de florestas, num processo que envolve preparar as tintas, lavar cuidadosamente os pincéis, olhar o que é feito, observar a natureza pela janela e corrigir erros. Tudo isso com a elevada exigência com o próprio trabalho e a paciência que o caracterizam. UC

CHELLO FOTÓGRAFO





Em 22 de setembro de 2015, a sede da Reitoria da Unesp, localizada na Rua Quirino de Andrade, 215, região central da Capital paulista, completa nove anos. A cerimônia de inauguração contou, entre outras autoridades, com o então reitor Marcos Macari, a secretária estadual de Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, Maria Helena Guimarães e Castro, representando o governador Cláudio Lembo, e o vice-reitor da USP Franco Lajolo, além de diretores de unidades e autarquias e ex-reitores da Unesp. A sede está instalada em um prédio de 12 andares que abriga toda a parte administrativa, as pró-reitorias, as assessorias de comunicação, informática e jurídica da Universidade, que congrega 24 câmpus em todo o Estado de São Paulo.

Mande a sua foto para revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

JULIO DEZAR DURIGAN



Julio Cezar Durigan é reitor da Unesp.

Uma vez Unesp, sempre Unesp

A Unesp lançou, em dezembro último, o Portal Sempre Unesp. Trata-se de um canal direto com seus egressos, alunos que realizaram graduação ou pós-graduação na Universidade. O cadastro é extremamente simples e, na maioria dos casos, basta acessar o endereço **www.unesp.br/sempreunesp** e colocar o CPF. Além do cadastro, o Portal oferece espaço para depoimentos, contatos com egressos, benefícios para os cadastrados e histórico do projeto.

O projeto nasce da constatação que a Unesp forma profissionais, em nível de graduação e de pós-graduação, em diferentes áreas do conhecimento, inseridos em diferentes contextos e que, muitas vezes, pela atividade cotidiana, perdem o vínculo com a Universidade onde realizaram a sua formação profissional.

A Universidade se ressente do afastamento de seus egressos, pois o vínculo é um aspecto fundamental que pode realimentar a própria instituição em diferentes áreas, seja na possibilidade de avaliar seus currículos a partir do ponto de vista dos ex-alunos, na abertura de mercado de trabalho ou na participação de seus egressos em diferentes projetos institucionais.

Com o intuito de elaborar uma proposta de ação na Unesp para estabelecer o contato com o egresso, foi constituído pela Prograd – Pró-reitoria de Graduação um grupo de trabalho, com participantes das Pró-Reitorias, Assessorias e representantes das Unidades Universitárias.

O Portal Sempre Unesp é resultado desse esforço coletivo que tem por objetivo estabelecer políticas atraentes para a manutenção do vínculo com seus alunos, que passem por ações realizadas desde o ingresso na universidade até a saída, quando eles se tornam egressos. Busca-se, assim, estabelecer um relacionamento contínuo e permanente de troca de cada estudante com a instituição formadora, visando benefícios mútuos.

A criação do Portal busca, portanto, ampliar o potencial das iniciativas já estabelecidas entre docentes, egressos e administração de algumas unidades universitárias, colocando o que já existe dentro de um trabalho progressivamente menos voluntarista e mais profissional, organizado e planejado uniformemente, de modo a atualizar, avaliar e inovar as relações da Universidade com seus egressos.

O relacionamento com os egressos viabiliza incrementar a missão principal da universidade, que é a formação de recursos humanos. Conhecer e acompanhar o desenvolvimento deles constitui um retorno importante para a qualidade do trabalho realizado e os necessários ajustes para a eficiência, a sinergia e a valorização dos cursos oferecidos pela instituição.

Os beneficiários das ações de relacionamento com os egressos são: a) a Universidade, que pode avaliar, fazer o acompanhamento, criticar e melhorar suas ações de formação de profissionais; b) o poder público que financia a Universidade, que poderá demandar, sugerir e prestar contas aos contribuintes sobre a localização dos profissionais que ajuda a formar; e c) a sociedade como um todo, que terá mais transparência quanto ao desempenho dos formados pela Universidade.

Em um universo em que o processo educativo escolar cada vez mais está presente para toda a vida, não existe mais, propriamente, um egresso, pois quem foi aluno ou funcionário tem tudo para manter, de forma sempre renovada, sua relação com a Universidade, seja novamente como aluno ou por meio de outro tipo de parceria ou participação.

Neste sentido, os egressos são fonte de informação e de atualização permanente para a Universidade. Este Portal, ao estabelecer um programa geral de relacionamento com alunos, contribui, portanto, para a visibilidade institucional, agrega recursos humanos e reforça o conceito de que "uma vez Unesp, sempre Unesp".

www.unesp.br/sempreunesp

COMO CONSTRUÍMOS UNIVERSOS

As autoras defendem e buscam demonstrar que além do papel crucial na evolução da vida, o amor foi fundamental também na construção da civilização. Para isso, empreendem um estudo profundo buscando compreender essa paixão humana desde suas origens – que situam na cooperação solidária entre bactérias que habitaram o planeta há cerca de quatro bilhões de anos – até as formas contemporâneas de amor, inclusive o romântico.



Autoras:
Montserrat Moreno Marimón
e Genoveva Sastre Vilarrasa
353 páginas.
R$ 59,00
14x21

editora unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

livraria **unesp** móvel

Livros por todos os caminhos



Adaptada sobre um caminhão, a livraria tem percorrido diversos Campus da Unesp desde sua inauguração, em 2012.

Acesse nossa agenda e veja quando ela passará em sua unidade!

www.editoraunesp.com.br/livraria_movel

livrariamovel@editora.unesp.br

livraria **unesp** móvel

Conheça também:

Livraria Unesp
Pça. da Sé, 108 – São Paulo/SP
2ª. a 6ª. das 9h às 19h
Sábados das 9h às 13h
livraria@editora.unesp.br

Livraria Unesp Virtual
Referência on line em livros universitários
livrariavirtual@editora.unesp.br
www.livrariaunesp.com.br

livraria **unesp**